



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO

TAYANE MONICK PEREIRA DE CARVALHO

SOS IMPRENSA: A MÍDIA CRÍTICA NA FORMAÇÃO JORNALÍSTICA

FORTALEZA

2023

TAYANE MONICK PEREIRA DE CARVALHO

SOS IMPRENSA: A MÍDIA CRÍTICA NA FORMAÇÃO JORNALÍSTICA

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. José Riverson Araújo Cysne Rios.

FORTALEZA

2023

TAYANE MONICK PEREIRA DE CARVALHO

SOS IMPRENSA: A MÍDIA CRÍTICA NA FORMAÇÃO JORNALÍSTICA

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. José Riverson Araújo Cysne Rios.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Riverson Araújo Cysne Rios (orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Dra. Cida de Sousa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Luís Sérgio Santos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre comigo, me acompanhando e me permitindo vivenciar e finalizar esta etapa importante da minha vida.

Aos meus pais, Nilson e Verônica, por toda a educação que me concederam e por toda a dedicação em me manter segura e acolhida para continuar a graduação até o fim. Um agradecimento especial a minha mãe, por todo o apoio, compreensão e conselhos nesta caminhada.

Aos meus irmãos, por me apoiarem nas minhas decisões e por todo o amor que recebi durante toda a minha vida. Destaco uma gratidão eterna à minha irmã Cinthya, por ser minha referência e minha base, por todo o carinho, apoio, cuidado e dedicação que sempre teve por mim, além de toda a ajuda necessária para a minha formação.

Ao meu cunhado, Bruno, pelo carinho e empenho de pai que sempre teve comigo. Por todos as conversas, conselhos e por toda paciência.

Aos meus amigos, por toda a troca de conhecimentos, ajudas e palavras de motivação durante toda a trajetória da graduação, além de todas as experiências que tivemos juntos durante essa fase especial nas nossas vidas.

Aos meus professores, por todo o ensino, experiência e conquistas acadêmicas que contribuíram e orientaram. Pelas oportunidades que me apresentaram e por me fazerem perceber que escolhi a graduação correta para seguir na minha vida.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Riverson Araújo Cysne Rios, por acreditar na minha capacidade, pela motivação, positividade e presença. Agradeço por tornar a construção deste sonho mais leve e produtiva.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o trabalho de mídia crítica dentro de observatórios de imprensa acadêmicos e de que maneira a atuação desses observatórios pode contribuir para a formação dos estudantes de jornalismo que os compõem. A fundamentação teórica que respaldou a elaboração do texto foram pesquisas de Danilo Rothberg, Patrícia Cunha (2011), Manuel Carlos Chaparro e Rogério Christofolletti. Na construção da pesquisa, foram realizadas investigações qualitativas em mídia crítica e educação. A primeira análise foi na presença do estudo de mídia crítica dentro dos cursos de jornalismo por meio das novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's). O objetivo é entender de que maneira o estudo de mídia crítica está respaldado nas diretrizes. Para compor o trajeto metodológico, foi realizada uma análise completa do objeto de estudo escolhido para esta pesquisa, o observatório de imprensa acadêmico SOS Imprensa, vinculado à Universidade de Brasília (UnB). Para chegar ao objeto, foi construído um estudo sobre observatórios de imprensa no Brasil, tendo sido encontrados 12 acadêmicos ativos e 7 inativos. Logo em seguida, foram analisadas todas as formas de interação que o SOS Imprensa vem utilizando recentemente. Destas, foi escolhida para aprofundamento as postagens no site do SOS Imprensa de janeiro ao final de outubro de 2023. Além disso, também foram realizadas entrevistas com a atual coordenadora do SOS Imprensa, a professora do curso de jornalismo da UnB, Rafiza Varão, e com estudantes do curso que fazem parte do projeto. As entrevistas ajudaram a contextualizar e complementar a análise das matérias. Dessa forma, foi possível identificar o trabalho pedagógico complementar que o projeto possibilita. Foi concluído que, mesmo em âmbito acadêmico, os estudantes conseguem contribuir com a sociedade por meio da promoção do debate e da reflexão, além de aprimorarem a prática jornalística da equipe. Os estudantes conseguem abrir espaço para discussão e debate midiático, garantindo uma formação mais ética e de qualidade.

Palavras-chave: mídia crítica; observatórios de imprensa acadêmico; SOS Imprensa; diretrizes curriculares; jornalismo

ABSTRACT

This research aims to analyze the work of media criticism within academic press observatories and how the performance of these observatories can contribute to the training of the journalism students that comprise them. The theoretical foundation that supported the preparation of the text was research by Rothberg (2010), Cunha (2011), Chaparro (2007) and Christofolletti (2003, 2005, 2008). In the construction of the research, qualitative investigations were carried out in media criticism and education. The first analysis was in the presence of the study of media criticism within journalism courses through the new National Curricular Guidelines (DCN's). The objective is to understand how the study of media criticism is supported by the guidelines. To compose the methodological path, a complete analysis was carried out of the object of study chosen for this research, the academic press observatory SOS Imprensa, linked to the University of Brasília (UnB). To reach the objective, a study was constructed on press observatories, finding 12 active academics and 7 inactive ones. Soon after, all forms of interaction that SOS uses and have recently used with society were analyzed. Of these, the posts on the SOS Imprensa website from January to the end of October 2023 were chosen for further analysis. In addition, interviews were also carried out with the current coordinator of SOS Imprensa, the professor of the journalism course at UnB, Rafiza Varão, and with students from the course who are part of the project. The interviews helped to contextualize and complement the analysis of the materials. In this way, it was possible to identify the complementary pedagogical work that the project makes possible. It was concluded that, even at an academic level, students can contribute to society by promoting debate and reflection, in addition to improving the team's journalistic practice. Students can open space for discussion and media debate, ensuring more ethical and quality training.

Keywords: media criticism, academic press observatories, SOS Imprensa; curriculum guidelines; journalism

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 Metodologia	11
1.2 Estrutura da Monografia	13
2. MÍDIA CRÍTICA	14
2.1 A fiscalização do jornalismo.....	17
2.2 A necessidade da crítica de mídia	19
2.3 Dispositivos sociais de crítica de mídia	21
2.4 Os impasses para uma crítica de mídia efetiva no Brasil.....	24
2.4.1 Oligopólio	24
2.4.2 Domínio de Conteúdo	26
2.4.3 Mercado de comunicações e as concessões de radiodifusão	26
2.5 A crítica de mídia e a sociedade	27
3. AS DIRETRIZES CURRICULARES DO CURSO DE JORNALISMO	32
3.1 A implementação das diretrizes curriculares	32
3.2 A análise crítica da mídia nas diretrizes	40
3.3 Considerações do capítulo	41
4. OBSERVATÓRIOS DE IMPRENSA ACADÊMICOS E O SOS IMPRENSA	43
4.1 Observatórios de imprensa.....	43
4.2 Observatórios de imprensa acadêmicos	47
5. O SOS IMPRENSA	51
5.1 As entrevistas e matéria publicadas em 2023	58
5.1.1 Análise das matérias mais relevantes	67
5.1.2 Participantes do SOS Imprensa	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS	74

1. INTRODUÇÃO

A comunicação e o jornalismo foram se modificando ao longo dos anos a partir da globalização e do surgimento de novas tecnologias. Na busca por consumir e disseminar informações, os brasileiros utilizam do mundo virtual, TV, rádio, jornal impresso e da troca em comunidade. Ter acesso à informação é um direito reconhecido e fundamental para a democracia. O reconhecimento é declarado em vários instrumentos internacionais como o Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos (1966), a Convenção Americana sobre os Direitos Humanos (1969), a Declaração de Brisbane – Liberdade de Informação: o direito de saber (2010), a Declaração de Maputo: Favorecer a liberdade de expressão, o acesso à informação e a autonomia das pessoas (2008) e a Declaração de Dacar sobre os *media* e a boa governança (2005).

Com o desenvolvimento tecnológico, o mercado comunicacional hoje é dominado por grandes conglomerados empresariais. Com isso, como define a Teoria do Agendamento¹, de Maxwell McCombs e Donald Shaw (1972), a imprensa pauta a opinião pública. Toda as demandas e produções da agenda midiática e a qualidade dos conteúdos produzidos pela imprensa tornaram-se alvo de reflexões críticas. Bertrand (2002) lista e analisa uma série de modalidades que ele designa por MAS – *Media Accountability Systems*, no sentido de se trabalhar um olhar mais crítico e consciente em relação à mídia. São publicações especializadas, ouvidorias, conselhos de imprensa e uma das formas mais comuns de crítica dos meios de comunicação, que são os observatórios de mídia. Essas reflexões críticas são a base do objeto de análise desta pesquisa, o observatório de imprensa acadêmico SOS Imprensa.

O tema desta pesquisa está centrado no estudo da mídia crítica dentro de um observatório de imprensa acadêmico com o objetivo de entender a atuação e contribuição do mesmo para a formação jornalística de quem o compõe. Neste cenário de informações e análises críticas, trazemos a tona o SOS Imprensa, observatório acadêmico ligado ao curso de jornalismo da Universidade de Brasília (UnB).

Inicialmente, a principal motivação deste estudo foi entender o ensino e a percepção no âmbito universitário sobre um movimento fomentador em que a sociedade passou a refletir e

¹ A Teoria do Agendamento pressupõe que as notícias são como são porque os veículos de comunicação nos dizem em que pensar, como pensar e o que pensar sobre os fatos noticiados. A teoria do agendamento defende a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas. Ou seja, a mídia nos diz o que falar e pautam nossos relacionamentos.

questionar as práticas jornalísticas, passando a monitorar o que é produzido pela mídia. Surgiu o interesse de entender as possibilidades que podem ser criadas para os estudantes de jornalismo praticarem o estudo de mídia crítica nos levando aos vínculos de algumas universidades brasileiras com observatórios de imprensa acadêmicos de cursos de jornalismo delas. Outro objetivo ao realizar esta pesquisa foi buscar respostas para as seguintes perguntas: 1) Como a mídia crítica é trabalhada dentro de um observatório de imprensa acadêmico? 2) Ter um observatório de imprensa dentro da universidade contribui para um desenvolvimento crítico e ético dos estudantes que participam? Para estas respostas, foi analisado o trabalho do SOS Imprensa e a perspectiva da atual coordenadora do projeto, a professora do curso de jornalismo da UnB, Rafiza Varão, e de estudantes que participam do projeto.

A partir dessas inquições, elencamos como objetivo geral analisar a atuação da mídia crítica no observatório de imprensa acadêmico SOS Imprensa e como esse tipo de atuação contribui para a formação dos estudantes de jornalismo que participam. Desse modo, assumimos como objetivos específicos: entender as características e atuações da mídia crítica na sociedade; refletir sobre a presença do estudo de mídia crítica nas Diretrizes Curriculares dos cursos de jornalismo; analisar a importância teórica e prática dos observatórios de imprensa acadêmicos e suas características; estudar o SOS Imprensa nas suas mais diversas formas de atuação; identificar e analisar a abordagem crítica da mídia neste observatório a partir das matérias publicadas no site; e entender a contribuição desse estudo crítico para a formação dos estudantes que participam do SOS Imprensa.

O SOS Imprensa foi escolhido como objeto de análise desta pesquisa devido a sua proximidade com as características teóricas e pedagógicas da definição e da maneira como deve se pautar um observatório de imprensa acadêmico. Outra contribuição para a escolha do SOS foi a assiduidade do projeto de extensão nas redes sociais, com postagens frequentes, e outras formas que seus participantes encontraram de levar o projeto para fora do cenário acadêmico, ou seja, tornar a sociedade presente nas ações e nas produções (características que formam um observatório de imprensa). Também é levado em conta sua localização geográfica, já que pertence à Universidade de Brasília, onde fica a capital do país. Isso leva em conta também o contexto político que rodeia o projeto, pois Brasília é o centro político do Brasil.

Acreditamos que este estudo tem como relevância proporcionar aos estudantes e profissionais que compõem os cursos de jornalismo informações que suscitem uma reflexão acerca da importância de aprofundar o estudo teórico e prático da mídia crítica por meio de

dispositivos sociais que podem ser utilizados no meio acadêmico, como o caso dos observatórios de imprensa acadêmicos, para a formação dos estudantes de jornalismo. Tais conhecimentos deverão possibilitar ao futuro jornalista uma formação mais completa, e, acima de tudo, instigar os trabalhos de mídia crítica nos cursos de jornalismo. Inferimos que a pesquisa também pode contribuir na formação de novos observatórios de imprensa acadêmicos pelo país a partir do entendimento das diversas atuações sociais que os estudantes podem vivenciar participando de um observatório de imprensa acadêmico vinculado ao curso.

No próximo item, apresentaremos a estrutura da monografia e a abordagem metodológica, de forma detalhada. Faz-se necessário mencionar ter sido este aporte teórico-metodológico que fundamentou a construção dos resultados desta pesquisa e a composição do presente documento.

1.1 Metodologia

Este tópico de metodologia pretende esclarecer acerca do caminho percorrido para atingirmos os propósitos da investigação, no que tange a importância e atuação da mídia crítica em observatórios de imprensa universitários para a formação dos estudantes de jornalismo, apresentando como locus da pesquisa o SOS Imprensa, observatório de imprensa universitário vinculado como projeto de extensão ao curso de jornalismo da Universidade de Brasília (UnB).

Para compreender a crítica de mídia e especificar os observatórios de imprensa acadêmicos até chegar no escolhido como objeto da análise, foi realizada inicialmente uma revisão bibliográfica. Para Gil (1994), a pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, organizar dados dispersos em inúmeras publicações para construir a base conceitual que cerca o estudo proposto.

Para realizar a pesquisa e entender como a crítica de mídia é trabalhada pelos estudantes que fazem parte de um observatório de imprensa acadêmico, foi delineado como objeto de estudo todas as formas que o SOS Imprensa utiliza para interação com a sociedade (publicações em sites e redes sociais, podcasts, projetos dentro e fora do espaço acadêmico). Essa primeira especificação é necessária para ter acesso aos trabalhos dos estudantes do projeto e chegar na análise principal, todas as matérias publicadas no site do SOS Imprensa entre os meses de janeiro e outubro de 2023.

Para chegarmos ao objetivo da pesquisa, a análise não se limitou somente à verificação bibliográfica, a base da contextualização do estudo, mas buscou analisar o trabalho do objeto estudado e conhecer a perspectiva dos participantes do objeto quanto à importância do mesmo. O sociólogo Antônio Carlos Gil (2008), em seu livro intitulado *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, apresenta o caminho para elaborar, executar e expor um projeto de pesquisa. Dentre as diversas técnicas de coleta de dados citadas pelo autor, elencamos para compor este estudo a análise documental e a entrevista semiestruturada, pois acreditamos que essas técnicas são as que melhor contribuiriam na obtenção de dados para atingirmos os nossos objetivos.

Por Gil (2008), em harmonia com Ludke e André (1986), ela é uma das técnicas mais usadas para reunir dados no campo das Ciências Sociais. O autor define entrevista como “[...] técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”. (GIL, 2008, p. 109).

Dessa forma, a pesquisa foi realizada por meio de pesquisas bibliográficas sobre o trabalho de mídia crítica e o projeto SOS Imprensa, entrevista com a coordenadora e com alunos do projeto, além de analisar todas as matérias publicadas pelo observatório de imprensa acadêmico durante o ano de 2023, totalizando 30 matérias até a finalização desta pesquisa. As entrevistas aconteceram por meio de Email e WhatsApp, além de um formulário com perguntas que foram respondidas por três participantes do projeto. A entrevista com a coordenadora do projeto, Rafiza Varão, aconteceu primeiramente por e-mail, e durante a produção dos capítulos foram feitos contatos com a também professora do curso de jornalismo da UNB para tirar dúvidas sobre o trabalho do SOS Imprensa e a mídia crítica do observatório por meio do WhatsApp.

1.2 Estrutura da Monografia

Com o objetivo de analisar a atuação da mídia crítica dentro de observatórios de imprensa acadêmicos e a importância dela para a formação dos estudantes de jornalismo que compõem o SOS Imprensa, a presente monografia foi organizada em cinco capítulos.

O primeiro capítulo é formado pela introdução, onde a problemática do tema escolhido é apresentada, além da sua relevância, os objetivos que guiaram a pesquisa, apresenta a metodologia e as fontes utilizadas para fundamentar a análise, a fim de atingirmos o propósito do presente estudo.

No capítulo II, é analisado o histórico, a natureza e a importância da mídia crítica como um dos principais mecanismos de fiscalização e acompanhamento do trabalho jornalístico. São analisado neste capítulo os objetivos principais da prática da crítica de mídia na sociedade e os dispositivos sociais utilizados para isso, introduzindo o objeto de análise da monografia.

No capítulo III, é realizada uma breve análise das novas diretrizes curriculares dos cursos de jornalismo para identificar se e qual maneira a mídia crítica é trabalhada para a formação dos estudantes de jornalismo. A análise também passa pelas mudanças históricas nos currículos dos cursos. A partir disto, foi possível entender se o ensino da temática está completo.

Por conseguinte, é feita uma identificação dos observatórios de imprensa brasileiros para chegar nos que estão presentes dentro das universidades. O capítulo é baseado na construção histórica dos observatórios, suas principais características e atuações, além da busca virtual e metodológica para listar os observatórios de imprensa acadêmicos ativos e inativos.

O capítulo final é dedicado a análise completa do objeto escolhido, o SOS Imprensa. São elencadas todas as formas que o SOS Imprensa utiliza de interação com a sociedade. O objetivo é identificar a mídia crítica nas matérias publicadas pelos alunos no site do observatório acadêmico e como ela contribui na formação desses estudantes de jornalismo.

Por fim, nas considerações finais, são realizadas as análises acerca das implicações da pesquisa do capítulo anterior, ressaltando seus aspectos mais significativos da análise.

2. MÍDIA CRÍTICA

O Jornalismo é uma atividade com uma importante função social, porque trabalha diretamente com a informação, ou desinformação levando em conta omissão, não publicação ou publicação com viés tendencioso. É através do jornalismo que a população toma conhecimento dos acontecimentos no Brasil e no mundo. Apurando os fatos, reunindo as informações e transmitindo-as, o jornalismo fixa o seu papel de importância na vida cotidiana das pessoas, contribuindo para a visibilidade das suas ações e da prática de criticar a mídia quando ela não corresponde às suas responsabilidades sociais (NETO et al, 2015).

Para iniciar os estudos sobre o trabalho da crítica de mídia na sociedade é necessário entender como procedeu a história e os estudos de comunicação, além dos papéis de receptores sociais. Estudos críticos como a Indústria Cultural por meio da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, afirmam que os meios de comunicação de massa são propriedades de algumas empresas e ao invés de contribuírem para formar cidadãos críticos, manteriam as pessoas "alienadas" da realidade, ou seja, os receptores das mensagens dos meios de comunicação seriam vítimas dessa indústria. Já o conceito de "ação comunicativa" por Jürgen Habermas, rompe essa teoria anterior ao abordar relações interpessoais de interação entre indivíduos com o objetivo de compreender a situação em que ocorre a interação e os supostos planos de ação que organizam suas ações. Essas teorias foram fundamentais para entender os diversos espaços de articulação que o receptor adquire e expande ao longo do tempo na sociedade.

Na América Latina, uma importante corrente de pensamento é liderada, na década de 1980, por Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini, com ênfase nos Estudos de Recepção. Esse modelo afirma que o processo de interação entre o emissor e o receptor é mediado por mensagem e isso faz com que a ideia inicial do emissor seja, em alguns casos, entendida de forma diferente pelo receptor. Esses estudos possuem o olhar deslocado dos meios de comunicação de massa para os elementos de mediação da sociedade contemporânea, tendo o indivíduo no centro do processo de construção de sentidos, como pessoas ativas e críticas que conseguem identificar sentidos em meios, valorizando suas liberdades individuais. A partir disso, surge a perspectiva de um receptor produtor de sentido, sendo os meios de comunicação o elemento estratégico nesse processo, como afirma Martín-Barbero ao destacar a "informação como processo de comportamento coletivo e os conflitos de interesse em jogo na luta por produzir, acumular ou veicular informações e, por conseguinte, os problemas da desinformação

e do controle” (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 280).

Entre os elementos responsáveis pela construção de um organismo social, a mídia assumiu esse papel de mediadora devido a sua credibilidade, alcance e posição estratégica na sociedade. Isso significa que os meios de comunicação não se mantiveram à margem do desenvolvimento social, mas assumiram papel crucial na difusão dos valores de uma cultura democrática. Ao longo da evolução da comunicação, a liberdade, a cidadania e a transparência ocuparam as colunas dos jornais, os canais de televisão e rádio, a internet e as revistas. E a intervenção para o reforço da transparência na vida pública talvez venha sendo a maior contribuição da mídia para o avanço de uma sociedade.

Tão (até mais) importante que instituições como a escola, a família, o Estado, a mídia assumem para si um espaço de poder responsável por organizar o debate, a mediação de conflitos e a massificação do conhecimento. Em análises de pesquisadores e meios acadêmicos, a mídia adquiriu uma missão de Quarto Poder, aquele que fiscaliza o Executivo, o Judiciário e o Legislativo. Estar na mídia é existir, haja vista que é ela quem determina a agenda social. Ela direcionaria a pauta das discussões privadas e públicas, a importância ou não dos fatos, a opinião popular. O jornalista e pesquisador português Manuel Carlos Chaparro (1993) classificou a mídia como “uma entidade social e cultural, carregada de emoções, alimentando processos complexos de comunicação com informação, análises e opiniões que podem mudar os rumos de povos e nações” (p. 92).

Para entender a história do Jornalismo ao longo da sua trajetória de contribuição para a sociedade, Ciro Marcondes Filho (2000), em seu estudo intitulado *Comunicação e Jornalismo, a saga dos cães perdidos*, ao fazer uma classificação da História do jornalismo assinala as cinco etapas distintas do jornalismo:

1. O jornalismo Pré-histórico (1631-1789), considerado artesanal
2. O Primeiro jornalismo (1789-1830), de teor político-literário
3. O Segundo jornalismo (1830-1900), denominado como imprensa de massa
4. O Terceiro jornalismo (1900-1960), assinalado como imprensa monopolista
5. O Quarto jornalismo (1970-até os nossos dias), sendo este o jornalismo de informação eletrônica e interativa, contribuindo para a compreensão do jornalismo colaborativo.

No entanto, a percepção de jornalismo atual, principalmente no Ocidente, tem suas raízes arraigadas no processo de produção industrial, sobretudo do sistema capitalista e do modo de produção de bens, sobretudo da Europa:

O jornalismo, como conhecemos hoje no mundo ocidental, tem suas origens intimamente ligadas ao desenvolvimento do capitalismo. Na segunda metade do século XV, as técnicas de impressão se espalharam rapidamente e imprensas foram estabelecidas nos principais centros comerciais europeus. (PEREIRA JÚNIOR, 2005, p. 43).

Esse modelo de jornalismo que o Doutor em comunicação Eurico Pereira Júnior (2005) traz, por meio dos seus estudos, está relacionado com o desenvolvimento do modelo econômico, como também da ampliação do mercado consumidor e a presença da propaganda e as novas técnicas de impressão ou veiculação da notícia.

Ao longo do processo, houve o desenvolvimento das bases de produção em massa, abertura de mercados e valorização da propaganda como traço ostensivo das ligações entre a imprensa e as demais formas de produção de mercadorias (scriptum). O surto da educação e a melhoria dos padrões de vida das populações alargaram o público dos jornais e o número dos anunciantes, levando a sucessivos inventos para acelerar a impressão (AMARAL, 1996, p.27).

Mais que simples participante do movimento de estruturação social, a mídia seria o elemento responsável por fiscalizar os demais participantes do processo. Ela seria, portanto, o aparelho utilizado para realizar o necessário movimento de análise, estudo, avaliação, de crítica do contexto e seus sujeitos, que mantém viva uma sociedade. A concepção de uma mídia transformada em Quarto Poder (aquele que fiscaliza os outros três poderes) está fortemente vinculada aos processos de profissionalização do jornalismo no início do século passado e colocaria os meios em uma função de completo comprometimento com o cidadão e o interesse público (PEREIRA, 2004).

O autor Pereira (2004) enfatiza que o papel dos meios, e mais fortemente do jornalismo, nas sociedades democráticas se assemelhava (até um passado recente) ao papel do educador, aquele que impõe certa clareza ao caos dos acontecimentos. O jornalista Fernando Oliveira Paulino (2010) concorda ao afirmar que o papel cívico da informação, da imprensa, se fundamentou como necessidade para a formação das democracias liberais. A atuação da imprensa teria a pretensão de fornecer aos cidadãos elementos para a formação de um juízo das coisas.

Conforme o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007, Art. 3º), “O exercício da profissão do jornalista é de natureza social”, e o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, de forma que esse profissional deve pautar seu trabalho na precisa apuração dos acontecimentos e na sua correta divulgação. Sobre a função social do jornalismo, o jornalista Celso Augusto Schröder (2008, p. 17) diz, por meio do livro *Formação Superior em Jornalismo: Uma exigência que interessa à sociedade*, produzido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj):

Se eventualmente o jornalismo derruba presidentes corruptos, como aconteceu com Nixon nos Estados Unidos e Collor no Brasil, ou serve, às vezes, para as grandes denúncias que atingem estruturas fundamentais de um país, a verdadeira razão de sua existência é muito mais simples e prosaica, mas, ao mesmo tempo, mais essencial para a vida cotidiana das pessoas. Dar o tempo e a temperatura, o resultado dos jogos do domingo ou qual rua interditada pelas obras da prefeitura, relatar os acontecimentos não presenciados pela maioria, narrar uma história que emociona e informa pode ser tão ou mais importante do que a reportagem que muda o curso da história. (FENAJ, 2007)

2.1 A FISCALIZAÇÃO DO JORNALISMO

É com o estabelecimento e o desenvolvimento do jornalismo e dos processos de comunicação como campo de estudo e categoria profissional que se faz necessária a criação de novos mecanismos que realizam uma espécie de controle, de fiscalização, das práticas promovidas pelos meios, pela imprensa. Mas para a vigência completa do princípio da transparência, nem mesmo a mídia pode escapar da fiscalização, da vigilância, do acompanhamento.

Ao analisar no início do capítulo os estudos críticos que ajudaram a traçar um paralelo entre os papéis do receptor em momentos pontuais da história da comunicação, vimos Jürgen Habermas defendendo a necessidade desses mecanismos de fiscalização por meio da participação da sociedade. Assim, consolida-se um novo espaço de articulação ao receptor, um espaço de mediação, que permite a discussão, a troca de argumentos entre indivíduos e o confronto de opiniões.

O pesquisador e jornalista Josenildo Guerra (2005) entende que é extremamente fundamental a existência de mecanismos de acompanhamento e fiscalização do trabalho jornalístico, na mesma proporção que se garanta todas as prerrogativas necessárias ao pleno exercício do jornalismo como a ampla liberdade de informação e expressão, o sigilo da fonte,

o respeito ao princípio da publicidade, entre outras.

Dentre as possibilidades de sistemas que primam pela qualidade da imprensa, o autor José Luiz Braga (2006), no livro *A sociedade enfrenta sua mídia*, cria o conceito de “dispositivos sociais de sistema de resposta”. Segundo o autor, além dos sistemas de comunicação de emissão e de recepção da informação serem considerados, também é necessário considerar um terceiro sistema de processo midiático, em que a sociedade se organiza para tratar da própria mídia, desenvolvendo dispositivos sociais. Estes dispositivos produzem interações diretas com a mídia e podem ser, segundo Braga, “cineclubes, *sites* de *media criticism*, fóruns de debate sobre rádio e televisão, crítica jornalística, revistas cujo tema é a própria mídia, produções acadêmicas sobre os meios, processos de autocrítica da imprensa” (BRAGA, 2006, p.37).

Essa reflexão sobre o que é jornalismo motiva repensar criticamente os efeitos da mensagem jornalística na sociedade. E criticar não é apenas julgar negativamente, mas fazer uma observação coerente, com um julgamento plausível. “A crítica - é importante reforçar - não significa a prática da demolição e da ofensa, nem do descrédito e do cinismo, muito menos o desprezo do trabalho alheio e a soberba ilimitada.” (CHRISTOFOLETTI, 2011, p. 211).

Conhecer e criticar a produção da imprensa é importante não só para o jornalista, mas também para a sociedade. O movimento da crítica da Mídia (Media Criticism) surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960, visando monitorar a produção jornalística dos impressos norte-americanos. No Brasil, essa prática foi implantada pelo jornalista Alberto Dines como uma maneira de ativismo no que se refere à prática da observação do desempenho da mídia no Brasil.

O media criticism é um processo de conversão do tijolo em vidraça. Sob o olhar exigente do analista, o jornalismo – tão afeito à fiscalização dos poderes, às cobranças sociais – fica acuado, subsumido, objetivado. Produtos, processos, rotinas e práticas são avaliados, medidos, comparados, o que muito pode contribuir para o seu aperfeiçoamento (CHRISTOFOLETTI, 2010, p. 7)

2.2 NECESSIDADE DA CRÍTICA DE MÍDIA

Dois são os objetivos preponderantes, primordiais, das práticas de crítica de mídia. Elas visam a alfabetizar midiaticamente a população e contribuir para o aperfeiçoamento do jornalismo. Ou seja, primeiramente, elas desempenham função estratégica no processo de persuasão social sobre importância de se pensar criticamente os meios (contribuindo para a construção de uma consciência cívica), e, em um segundo momento, acabam criando, por meio de monitoramento ostensivo, uma prática jornalística eficiente, que fuja à superficialidade. “De um lado oferecer ao público bases para uma compreensão cada vez mais clara e ampla do que é o jornalismo, e de outro, intervir concretamente para uma melhora em produtos e processos de apuração, produção e difusão informativas” (CHRISTOFOLETTI, 2010, p.8).

Diversos estudos acadêmicos levantam o debate da necessidade da crítica aos meios de comunicação. Autores como Marcondes Filho (2009) apontavam essas lacunas de quem, como e o que pode ser utilizado para fazer a crítica na sociedade atual. O autor José Luiz Braga (2006) afirma que o acompanhamento e a crítica contínua e sistemática pressionam os jornais para um aperfeiçoamento e atendimento de valores sociais. Para Braga, a crítica de mídias deveria “ser mais modesta, aproximar-se da crítica artística e literária, e abandonar os juízos totalizantes sobre os meios de comunicação, endereçando-os aos produtos midiáticos” (BRAGA, 2006, p. 17).

Os trabalhos de crítica de mídia estão intrinsecamente ligados à busca da qualidade do fazer jornalístico. Sobre qualidade, Guerra, (2010b) explica que se pressupõe como premissa básica, o atendimento do produto aos requisitos do cliente e da sociedade.

[...] No jornalismo, quais seriam os requisitos de qualidade para seus produtos? No âmbito da atividade jornalística, são duas as expectativas básicas da audiência em relação à notícia: verdade e relevância. Verdade porque se espera que a notícia ponha a audiência a par de fatos reais. Relevância porque não são todos os fatos reais que têm valor jornalístico, mas aqueles que atendem à demanda da audiência (GUERRA, 2010b, p.5).

Para Guerra, a sociedade espera que as informações contidas nas notícias devam ser suportadas por provas, com fontes seguras, observação direta e pesquisa documental.

“A sociedade espera que as notícias tratem de fatos, por isso a invenção, a distorção e a mentira são consideradas faltas graves para o jornalista [...] A expectativa de relevância no jornalismo recebe o nome técnico de valor-notícia [...] o interesse público se apresenta como um Valor-Notícia de Referência Universal” (GUERRA,

2010b, p. 6 e 7).

A crítica de mídia é um campo central nos estudos de comunicação. Historicamente, ela tem sido estudada com vigor e muitas perguntas ainda precisam ser respondidas. No Brasil, como já comentado anteriormente, a crítica de mídia teve início em 1965, de acordo com o levantamento feito pela jornalista Ângela da Costa Cruz Loures (2008). “A iniciativa foi do jornalista Alberto Dines, então diretor de redação do Jornal do Brasil. [...] Encantou-se com um boletim do New York Times, que fazia a crítica interna do jornal. [...] Assim começou a ser publicado o ‘Caderno de Jornalismo e Editoração’, [do Jornal do Brasil]” (2008, p.161). Com a repressão política, o Caderno foi extinto em 1973, quando o jornalista também foi demitido.

Em junho de 1975, Alberto Dines foi convidado pelo diretor do jornal Folha de São Paulo, Otávio Farias, para ser chefe da sucursal no Rio de Janeiro e para escrever um artigo político diário. Aceitou o desafio, lançou a ideia de publicar um artigo em uma página de opinião e ainda queria fazer uma coluna de crítica de imprensa, explicando como a iniciativa era importante naquele momento em que a imprensa estava acomodada [...] Foi então criada a coluna “Jornal dos Jornais”. Em 1977 “Jornal dos Jornais” deixou de sair quando a Ditadura Militar se sentindo incomodada pela Folha pressionou a direção para que vários jornalistas fossem demitidos (LOURES, 2008, p.162)

Alberto Dines, logo em seguida, foi para o Jornal Pasquim, no Rio de Janeiro, escrever uma coluna de crítica de mídia, o Jornal da Cesta. No Pasquim, de São Paulo, escreveu a coluna Pasca Tasca, até que a ditadura também reprimiu mais uma iniciativa. Somente na década de 80, Dines voltou a trabalhar com a crítica de mídia. “Período de silêncio durou quase cinco anos (...) até que lançou a revista Crítica da Informação, dirigida ao público acadêmico, por um ano” (LOURES, 2008, p. 136)

Após todo esse momento, Loures destaca o surgimento no Brasil da Revista Imprensa² em 1987, o Instituto Gutenberg³ em 1994 e a Folha de São Paulo⁴, quando institui o cargo de ombudsman, em 1989, como parte da história da crítica de mídia no Brasil. Ombudsman⁵, ouvidor levando em conta uma definição livre da palavra, é a iniciativa em que a empresa remunera um jornalista do próprio quadro de funcionários para analisar criticamente o produto

² A Revista Imprensa nasceu em 1994 e hoje tornou-se um grupo de comunicação com assinatura de revista, portal online, livros e presença em diversas redes sociais. Todos os suportes disponíveis em: <https://portalimprensa.com.br/>. Acesso em: 30/10/2023.

³ O Instituto Gutenberg se definia como um espaço apartidário e não lucrativo para exercer a crítica de mídia e defender a liberdade de imprensa. Como consta no link <http://www.igutenberg.org/jj343x1.html> o portal está expirado e com a renovação pendente. Acesso em: 30/10/2023

⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ombudsman/>. Acesso em: 30/10/2023

⁵ Mais informações sobre ombudsman acesse: <https://www.abonacional.org.br/>. Acesso em: 30/10/2023

veiculado pela empresa em que trabalha. Ombudsman é um dos mecanismos de crítica de mídia mais conhecidos. Ele foi desenvolvido nos Estados Unidos e importado para outros países. No jornalismo, o ombudsman teria como a principal função ser uma espécie de porta-voz do público dentro da redação. A imagem de um ombudsman que analisa a produção jornalística do veículo de comunicação em que atua e publica suas observações no próprio jornal, como conhecido hoje, surgiu somente em 1970, no jornal norte-americano Washington Post, que instituiu a coluna chamada The News Business, com comentários internos e externos sobre a redação e seus produtos.

Para entender qual era a real função de um ombudsman brasileiro, Caio Túlio Costa relata ser um profissional “contratado para ouvir os leitores, além de expor o jornal publicamente à crítica” (1991, p.16). Costa afirma que “é impossível fazer jornal sem erros”, mas que o trabalho crítico dos ombudsmen é árduo com o objetivo de “ganhar a batalha contra o erro e a desinformação” (1991, p.50).

2.3 DISPOSITIVOS SOCIAIS DE CRÍTICA DE MÍDIA

A experiência com maior visibilidade de crítica de mídia no Brasil é o Observatório de Imprensa (OI)⁶, criado em 1996 por Dines, no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Como será mais discutido no capítulo de observatórios de imprensa, ele é referência até a atualidade, na forma de uma revista on-line, para acompanhar criticamente o trabalho da imprensa. O intuito do jornalista com o OI era melhorar a produção jornalística e também abrir espaços para o leitor se manifestar ativamente, num esforço de fazer um contraponto ao modelo convencional, de um espectador passivo, que assiste ao mundo pelos olhos da imprensa. O observar do OI e dos demais observatórios de imprensa existentes é um exercício de leitura em profundidade, com a preocupação das condições de veracidade das informações publicadas com as circunstâncias de produção e de difusão daqueles conteúdos e mensagens. “Não se trata de observar por observar, mas observar para algo. Em geral, para denunciar e tratar de reformar algum aspecto fora da conformidade” (CRISTOFOLETTI; HERRERA, 2006^a, p.157).

As práticas de Crítica de Mídia no Brasil têm-se disseminado por diversos meios. Há

⁶ O Observatório da Imprensa, ou OI, possui 26 anos de atuação e continua ativo. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/> Acesso em: 30/10/2023

iniciativas televisivas, radiofônicas, impressas, mas as principais empreitadas na área se concentram no ciberespaço. Inclusive, nos últimos anos houve uma multiplicação dos observatórios de mídia no país, a grande maioria estabelecida na internet.

Braga (2006) identifica em seus estudos algumas ações e objetivos dos dispositivos sociais desenvolvidos pela sociedade como um sistema crítico do processo midiático, que dentre eles encontram-se os observatórios de imprensa acadêmicos:

1. Crítica - interpretações e objeções interpretativas, seleções qualitativas, etc;
2. Retorno - *feedback*, retroalimentação do sistema de produção, indicações para revisão, criação, redirecionamentos, construção de “gêneros”;
3. Militância social - crítica-ação. processos sociais de uso da mídia a serviço de posições e argumentos, atuações antimídia e/ou de direcionamento dos teores, dos temas das posições, defesa de setores e posições sociais perante a mídia;
4. Controles da mídia, *media criticism*, *media accountability systems*, processos sociais de enfrentamento e controle da mídia de seus poderes, de seu papel social, em defesa de valores profissionais e sociais diversos que possam ser ameaçados por lógicas estritas da produção cultural comercial;
5. Sistematização de informações - processos organizados de classificação, organização e disponibilização de acervos (são, às vezes, processos relacionados à atuação crítica, mas também a figuração de bases de dados e outras facilidades de acesso);
6. processos educacionais e formativos - aprendizagens ordenadas, sistemas e dispositivos educativos para uso e direcionamento da mídia;
7. processos de aprendizagem em público - trata-se aqui de um aprender do gosto e da fruição, difuso, não controlado pelos sistemas educacionais; permeações com a riqueza de variedade de informações e processos; aprendizagem de usuário. (BRAGA, 2006, p. 38 e 39).

Para o autor, todos esses dispositivos, com diferentes objetivos e ações agindo como sistemas de resposta dentro da sociedade, funcionam para evidenciar “que a sociedade não apenas sofre os aportes midiáticos, nem apenas resiste pontualmente a estes. Muito diversamente, se organiza como sociedade, para retrabalhar o que circula, ou melhor: para fazer circular, de modo necessariamente trabalhado, o que as mídias veiculam” (BRAGA, 2006, p.39).

Esses dispositivos críticos possibilitam alguns caminhos para começar a estudar a crítica de mídia, são eles: análise crítica do que é difundido nas diferentes mídias, em diversos formatos e gêneros, numa abordagem acadêmica; crítica publicada na própria mídia, produzida por aqueles que são social e culturalmente reconhecidos como críticos; e crítica que circula de forma dispersa pela sociedade, como os receptores que se expressam em blogs e nas redes sociais sobre práticas e produtos midiáticos. A crítica das formas de mediação coloca-se como um ponto essencial para os estudos de comunicação. Temos assim, entre outras, as seguintes dimensões:

1. Da autoridade, direito e liberdade para criticar;
2. Os parâmetros de como se operar a valoração da qualidade do objeto que está sob apreciação;
3. A finalidade última de qualquer crítica, que deseja, extrapolando o esforço de compreensão, promover alguma ação de transformação do mundo ao redor.

Uma das autoras mais conhecidas que trabalha com o estudo de mídia crítica é a pesquisadora americana Wendy Wyatt (2007). Com um trabalho intitulado *Critical conversations - a theory of press criticism*⁷, a autora compõe um construto teórico a fim de elaborar uma teoria da crítica de imprensa – algo inédito até então. Para ela, todas as análises feitas em torno da crítica de imprensa até hoje não formaram uma teoria sobre o tema. Ela baseia sua teoria em como a imprensa deveria se comportar e não no que a imprensa faz de fato.

Durante toda sua pesquisa, a autora defende a união entre jornalismo, crítica e democracia, algo difícil de separar, segundo a autora.

Carey argumentou que “a democracia como forma de vida política é essencialmente uma teoria da crítica, e a crítica, adequadamente interpretada, é indispensável à ideia de liberdade”. Portanto, a imprensa - considerada a instituição social mais importante que temos para alcançar comunicação democrática nesta vasta e complexa sociedade - deve ser submetida à mesma crítica a que submetemos outras instituições sociais⁸ (WYATT, 2007, p. 10, tradução nossa).

Esse argumento gira em torno da defesa de uma crítica limpa e baseada na troca com o público, mas existem mecanismos e contextos estruturais que acabam impedindo uma crítica de mídia completamente efetiva no Brasil.

⁷O livro onde apresenta sua teoria foi lançado há mais de uma década, mas ainda não foi traduzido no Brasil.

⁸Original: Carey argued that “democracy as a form of political life is essentially a theory of critique, and critique, properly interpreted, is indispensable to the idea of freedom.” Therefore, the press - considered the most important social institution we have for achieving democratic communication in this vast and complex society - must be subjected to the same criticism to which we subject other social institutions.

2.4 OS IMPASSES PARA UMA CRÍTICA DE MÍDIA EFETIVA NO BRASIL

Ao entender o rumo dos estudos de mídia crítica e sua disseminação por meio de observatórios de imprensa, por exemplo, é possível perceber que alguns esforços neste sentido começam a ganhar mais evidência na vida social brasileira, mas um efetivo ambiente de crítica dos meios continua longe de se efetivar no país. Os observatórios, atuando como iniciativas análogas, são uma das respostas da comunidade em meio às derrapagens éticas dos meios de comunicação.

Será possível entender ao longo deste trabalho que existe um esforço de profissionais, pesquisadores e estudantes da área de comunicação em desenvolver uma mídia que esteja de acordo com a real necessidade da sociedade. Entretanto, em paralelo a esses esforços, existem problemas estruturais que causam o atual cenário da comunicação no país, detalhado a partir da próxima seção, e dificultam, até mesmo não disponibilizam, qualquer mudança transformadora. Identificar esses empecilhos contribuem para uma mídia crítica mais completa.

2.4.1 Oligopólio

No Brasil, de acordo com a Pnad 2013⁹, 96,9% dos lares brasileiros têm, pelo menos, um aparelho de televisão em casa e 83,4%, um rádio. Ou seja, em quase todo o território brasileiro se tem um aparelho de rádio ou de televisão que captam a programação gratuita que é difundida na maioria dos municípios brasileiros. Só não chega a lugares que não tenham energia elétrica e nem solar.

Ao mesmo tempo, as mídias pagas, tais como TV por assinatura, telefones fixos e celulares e Internet, mesmo não chegando à maioria da população, devido ao alto custo e à economia precária do País, aos poucos vão conquistando espaço e se tornando realidade para grande parte dos brasileiros. Nos resultados encontrados pela Pesquisa Brasileira de Mídia 2015¹⁰, hábitos de consumo de mídia pela população brasileira (PBM) verificou-se que 95% dos entrevistados veem TV (sendo que 77% todos os dias), 55% ouvem rádio (sendo que 30%

⁹Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/59/pnad_2013_v33_br.pdf. Acesso em 28/10/2023

¹⁰ Disponível em: https://memoria.ebc.com.br/noticias/brasil/2014/12/apesar-de-menos-lidos-jornais-tem-mais-confianca-do-leitor? gl=1*18cqjbb* ga*NTcyMTY5NjM5LjE2OTc1ODYzODY.* ga_TGW7R30M20*MTY5NzU4NjM4Ni4xLjEuMTY5NzU4NjQ2Ny42MC4wLjA.

ouvem todos os dias) e 48% acessam a Internet. 21% leem jornal e 13% revistas. Em relação ao grau de confiança nas notícias veiculadas na mídia, mesmo sabendo que cada uma segue a linha editorial da empresa que publica sua “verdade”, registrou-se que o jornal foi considerado o mais confiável com 58%; TV, 54%; rádio, 52%; revista, 44%. Esses dados comprovam que a população é uma grande consumidora de mídia, o que levanta o questionamento sobre quais grupos estão por trás dessa mídia que informa.

Ao observar a radiodifusão (mídias tradicionais de rádio e televisão), ao considerar uma divisão em duas áreas no mapa midiático brasileiro, detectam-se seis conglomerados nacionais atingindo quase 100% do território brasileiro, controlando o que é visto, lido e ouvido:

Tabela 1. Conglomerados de mídia brasileiros

Grupo	Descrição
Globo	Pertencente à família Marinho, atinge o País inteiro com suas emissoras, retransmissoras e geradoras, com grande influência na política, na economia e na sociedade brasileira. De acordo com seu Atlas de Cobertura ¹¹ , que mapeia sua atuação através da TV aberta, 99,51% dos aparelhos recebem a programação da emissora e 98,56% dos municípios são atingidos pelo seu sinal de TV analógica. No plano internacional, além dos parceiros “estrangeiros”, leva suas novelas para outros países e, desde 1999, com a TV Globo Internacional, canal via satélite que transmite 24 horas por dia programação para o exterior, chega nos cinco continentes, cobrindo 81 países.
SBT	Em segundo lugar aparece o SBT, com a família Abravanel, conquistando 4.772 municípios e 92,2% de domicílios com televisão. D
Record	Em terceiro lugar vem a Record, do bispo Edir Macedo, com 79,3% ou 4.417 municípios, atingindo 90,2% dos domicílios com TV. D
Band	Em quarto lugar, a Bandeirantes, da família Saad, com 64,1%, em 3.569 municípios e 87,6% dos domicílios com televisão. E em quinto, aparece a Rede TV com 56,7%, atingindo 3.157 municípios e 76,5% de domicílios com televisão.

¹¹ Atlas de Cobertura da Rede Globo, com informações de indicadores IBOPE de setembro de 2023. Disponível em <https://globoads.globo.com/atlas-de-cobertura/>. Acesso em: 17 de setembro de 2023.

São alcances que impressionam. A concentração em poucas mãos dificulta a entrada de novas empresas, estilos e conteúdo no mercado. Em consequência, padroniza o noticiário e estandardiza o entretenimento. Outro ponto dessa questão que a torna mais intrigante é o fato de essas emissoras, que também utilizam rádio e televisão, dependerem de concessão pública para operar embora existam condições públicas ideais para a fiscalização e autorização dessas operações.

2.4.2 Domínio de Conteúdo

O domínio de conteúdo, também chamado de propriedade cruzada, segue existindo em um sistema criado por brechas na legislação que acentua essa concentração dos meios de comunicação em poucas mãos, ou seja, os grupos que controlam emissoras também são proprietários de jornais, revistas e portais na internet. Essa permissão faz com que o noticiário produzido em um veículo seja apenas reproduzido em outro da mesma cadeia, muitas vezes, ignorando as características do próprio meio. Possibilita, ainda, que opiniões, valores, símbolos e versões de fatos que interessem aos grupos empresariais detentores sejam distribuídos de maneira perene e uniforme por diversas vias, dando mais força à difusão de tais ideias, aumentando seu alcance e sua penetração.

O pesquisador Rogério Christofolletti (2008) afirma que a propriedade cruzada é um catalisador do processo de concentração, facilitando a expansão desses negócios e dando ao consumidor uma impressão de poderio financeiro, onipresença e credibilidade informativa. É uma estratégia de multiocupação de espaços no imaginário do cidadão, uma tentativa de preenchimento dos tempos do consumidor de informação e entretenimento.

2.4.3 Mercado de comunicações e as concessões infinitas de radiodifusão

Embora a Constituição Federal proíba que políticos sejam diretores ou proprietários de emissoras de rádio ou televisão, brechas na lei e falta de fiscalização possibilitam que isso aconteça, e com uma regularidade preocupante. Historicamente, chamou-se de “coronelismo” um conjunto de práticas que resultava na interferência de líderes políticos locais nas dinâmicas

e destinos de pequenas e médias cidades como uma forma de controle social. Essa forma de domínio foi criada nas primeiras décadas do século XX, majoritariamente em áreas rurais, e era exercida pela força, por chantagem e ignorância política.

Décadas depois, essa prática de controle social se dá por vias tecnológicas (internet, audiovisual, rádio), e é admissível chamá-lo de “coronelismo eletrônico”, já que os meios de comunicação ajudam a conformar os novos rebanhos eleitorais. Em pleno século XXI, com as instituições nacionais bastante consolidadas e a crescente exigência pela transparência republicana nos processos políticos, prevalece um vício histórico, atrelado ao patrimonialismo e ao clientelismo político. A proximidade entre o setor da comunicação e detentores de cargos públicos eletivos contribui para práticas de coronelismo eletrônico, mas ultimamente elas vêm sendo exercidas também por organizações religiosas, católicas e neopentecostais.

A relação entre políticos e empresários do setor contribui também para que haja pouca ou nenhuma transparência na distribuição das licenças de emissoras de rádio e televisão e na própria duração dessas outorgas. Esses trâmites dependem de aprovação do Parlamento, mas a não renovação de uma concessão depende de dois quintos de deputados e senadores do Congresso Nacional em votação aberta e nominal. As votações são transmitidas por canais institucionais de TV, o que pode levar ao constrangimento ou à falta de coragem para votar contra uma renovação.

2.5 A CRÍTICA DE MÍDIA E A SOCIEDADE

A sociedade consumidora de informação acaba contribuindo para essa lacuna nas concessões, seja por falta de conhecimento ou de interesse. O contribuinte não tem o entendimento de que a coisa pública não é do Estado, mas pertence à coletividade. O consumidor ainda se movimenta pouco para exigir o cumprimento das normas que o defendem de abusos, de injunções e de omissões deliberadas. A crítica aos *media* realizada pelos telespectadores é frágil e generalizada. Sem endereçamento, cai no rol das demais queixas, dilui-se, ou seja, o eco de suas reclamações chega rouco às autoridades competentes, que, por conseguinte, pouco acionam de seu poder constituído.

Christofolletti (2017) cita em seu artigo “Teses para uma Autocrítica dos Observatórios de Mídia” a quase inexistência de mecanismos jurídico-institucionais para o aperfeiçoamento

profissional dos jornalistas como um contexto engessante que dificulta o desenvolvimento da crítica de mídia o país.

[...] os jornalistas não contam com uma ordem ou conselho que supervisione aspectos profissionais, regule a entrada no mercado de trabalho ou equalize as relações com outros grupos de interesse na sociedade. Sem um conselho profissional e com a regulamentação da categoria desfigurada desde 2009, o mercado de trabalho jornalístico segue com muitas permissividades no Brasil. [...] Em alguns aspectos, os maiores grupos de comunicação brasileiros se equiparam a seus semelhantes internacionais em qualidade técnica, mas percebe-se também uma aversão à concepção de que a indústria possa abrigar um espírito de maior responsabilidade social, uma disposição para participar mais da vida social dividindo a liderança de campanhas, ou projetando bases para um futuro comum. (CHRISTOFOLETTI, 2017, p. 109)

Isso significa que paira no empresariado de mídia um comportamento arrogante que ignora os seus deveres diante da sociedade. Esta cultura conservadora ajuda a manter diversas camadas sociais interessadas longe dos negócios e da engenharia de funcionamento da mídia. Para o autor, todo sistema de mídia existente em uma cidade, estado ou país que possui o reconhecimento público de seu funcionamento gera motivos para que seja implantada uma instância de observação crítica do jornalismo e da comunicação. “Sua existência permitirá a análise das crises de negócios, confiança e credibilidade que afetam a mídia, que se discutam saídas e soluções, que se destaquem boas práticas e inovações, e que se fortaleçam novos pactos entre o jornalismo e seus públicos” (CHRISTOFOLETTI, 2017, p. 111). Além disso, como é possível entender ao longo do capítulo, o jornalista é como um protagonista de uma espécie de serviço público, cujo produto ganha expressão social, e, por isso, torna-se vital a construção de um espaço público de debate em torno desses conteúdos, que na maior parte das vezes são enredados em posições hegemônicas. Sobre isso, Denis Moraes afirma:

Parcela preponderante da mídia quer reduzir ao mínimo o fluxo de ideias contestadoras — por mais que estas continuem existindo. A meta precípua é esvaziar análises críticas e expressões, de dissenso, evitando atritos entre as interpretações dos fatos (notadamente os que afetam interesses econômicos, corporativos e políticos) e seu entendimento por parte de indivíduos, grupos e classes. O controle ideológico dificulta a participação de outras vozes no debate sobre os problemas coletivos, pois se procuram neutralizar óticas alternativas, principalmente as que se opõem à supremacia do mercado como âmbito de regulação de demandas sociais. (MORAIS, 2010, p. 68)

O jornalista e pesquisador Claude-Jean Bertrand (2002) discute o papel da crítica de mídia e elenca quais atores assumem esse trabalho de observadores críticos. Para ele, mediadores, conselhos de imprensa, associações de telespectadores, cartas de leitores,

observatórios e ombudsman¹² podem colaborar com a manutenção da democracia, pois são meios não coercitivos que praticam a crítica de mídia para a promoção da cidadania e por uma melhor qualidade dentro do jornalismo.

Esses sistemas são um misto de controle de qualidade, serviço ao consumidor, educação contínua e muito mais - não apenas, decerto, auto-regulamentação. [...] O conceito engloba cerca de sessenta desses meios [...] Podemos esperar que muitos outros MARS¹³ sejam inventados. A originalidade do conceito reside na própria diversidade dos meios disponíveis. (BERTRAND, 2022, p.35).

Em busca dessas características, “um sistema de qualidade implica transparência, mas também implica uma lógica de freios e contrapesos de prestação de contas para a própria mídia. Assim, iniciativas como os ombudsman, código de ética, conselhos de leitores e outras são importantes para a efetiva garantia da qualidade” (CANELA, 2010, p.12).

Os telespectadores estão presentes nas citações dos pesquisadores ao retratar essa responsabilidade social diante da mídia. Para James Carey (1974), todas as instituições da sociedade moderna devem ser objetos de crítica, mas existe uma resistência no jornalismo em ser criticado. Christofolletti, que também está de acordo com essa afirmação, cita que há uma evidente intolerância do jornalismo em se ver diante do espelho. Segundo ele, os jornalistas são muito competentes para apontar erros e deslizos de pessoas e organizações, mas lidam muito mal quando o objeto da crítica é o seu trabalho, seu meio ou suas atitudes, ou seja, os jornalistas são notadamente hipersensíveis à crítica, embora reconheçam sua importância, bem como sabem que, historicamente, a autocrítica foi considerada uma alternativa à regulação.

Uma reação comum é contestar a crítica e desqualificá-la. Outra é ignorar ou fingir desconhecer. Uma terceira é naturalizar os procedimentos questionados, blindando-se do julgamento de especialistas ou do escrutínio público. É o que chamo de Problema da Assimilação da Crítica, que consiste em receber o comentário, justificar racionalmente suas escolhas, insistir nas práticas questionadas e invalidar o processo da crítica. [...] A crítica não foi assimilada, a observação não produziu efeitos ou impacto relevante, não provocou a alteração de rotinas, a adoção de novos cuidados ou a correção de rotas. (CHRISTOFOLETTI, 2017, p. 109)

¹² Durante a pesquisa é levado em consideração que os mediadores são jornalistas que intermediam um debate, conselhos de imprensa são jornalistas que se reúnem para analisar informações jornalísticas que serão publicadas, associações de telespectadores são grupos de espectadores que se reúnem para avaliar as produções que saem por parte da mídia, cartas de leitores são consideradas todas as formas de interação com os jornalistas, observatórios são os espaços que os jornalistas se encontram para praticar a crítica de mídia e ombudsman como o jornalista que é contratado para analisar criticamente as publicações de um veículo.

¹³ MARS é um conceito criado por Bertrand e significa “Meios de Assegurar a Responsabilidade Social da Mídia”, ou seja, é um meio não estatal usado para tornar os meios de comunicação responsáveis perante o público.

Sabemos que, atualmente, a análise de Carey sobre a falta desses dispositivos sociais que trabalham a mídia crítica não pode ser levada em total consideração porque, para ele, “a imprensa é atacada e frequentemente vilipendiada, mas não é objeto de análise crítica fundamentada - nem em público, e raramente dentro das universidades e da própria imprensa” (Carey, 1974, p.227). Diante dos mais diversos argumentos apresentados sobre a atuação atual da mídia e todas as possibilidades do exercício de crítica de mídia já trabalhadas e citadas, os observatórios de imprensa, mais especificamente universitários, foram escolhidos como foco desta pesquisa.

O dever da crítica da mídia é orientar o leitor sobre os possíveis erros que a imprensa comete. A manipulação das informações e o erro na apuração são algo frequente na mídia e é, portanto, extremamente necessário alertar a população para que ela tenha consciência de que nem sempre o jornalismo é um reflexo do real. Atualmente no Brasil os observatórios de imprensa são as instituições de espaço aberto e de acesso livre que vem realizando essa função, além de serem os principais mediadores entre os cidadãos e a mídia.

É também um mediador entre os cidadãos e o meio, é alguém que intervém colocando em contato as reivindicações dos cidadãos com os processos de elaboração da informação. Por isso, sua ação recai sobre a redação dos jornais, mostrando erros, assinalando distorções, esclarecendo dúvidas. Mas também se expande sobre a cidadania, revelando as complexidades do ofício jornalístico, os encontros e desencontros entre leitores e meios (REY, p. 1, 2003)

Com as análises que vamos realizar mais à frente, nos próximos capítulos será possível entender a quantidade de observatórios de imprensa acadêmicos presentes no Brasil, ao trabalhar o quadro geral de observatórios ativos no país listados em um estudo realizado por Cunha (2011). Será possível verificar se existe diferença de origem, composição, estrutura e orientação ideológica, além do contexto social em que surgiram e se encaixam. É a partir do âmbito universitário que se deve iniciar o estudo de crítica de mídia, por meio das cadeiras teóricas que as universidades disponibilizam para os alunos. Não se encaixa mais a ideia de que a crítica acadêmica é muito abstrata, fechada em si, distanciada da vida cotidiana, pois, além da expansão que as universidades possuem hoje na sociedade, é a partir dela que se conhece a forma, o conteúdo e os objetivos da mídia (objetos de estudo da crítica), ou seja, o modo como a crítica de mídia é trabalhada.

Ter a mídia crítica como objeto de estudo universitário é mais do que necessário, se tornou base para a construção de um profissional completo e consciente. A crítica de mídia ganhou relevância nas universidades e cursos de jornalismo no Brasil que começaram a publicar

sites, artigos e revistas que se dedicam a observar a imprensa. Em 2005, durante o Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), foi criada a Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (RenoI). O estudo atual de mídia crítica fica ainda mais interessante ao pensar no atual potencial da internet que, com as novas tecnologias desenvolvidas na última década, se tornou território fértil para o exercício desta mediação por meio da interatividade permitida ao público, intensificando o exercício da cidadania, já que este passa a ser inserido na produção e distribuição do conteúdo.

Vamos entender no próximo capítulo se o estudo de mídia crítica na universidade se limita somente a criação de observatórios em algumas instituições ou se as Novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) do curso de jornalismo geram base de estudo e debate da temática para os estudantes.

3. AS DIRETRIZES CURRICULARES DO CURSO DE JORNALISMO

Para começar, apresentaremos neste capítulo como a publicação das diretrizes curriculares do curso de jornalismo foi resultado de uma luta histórica de mudanças e busca por autonomia por parte de professores, alunos e pesquisadores. A partir disso será possível entender como o estudo de mídia crítica é destacado e aprofundado nas universidades a partir da consolidação dessas diretrizes e a importância de existirem implementações de disciplinas teóricas e práticas para guiarem os cursos de jornalismo na formação de seus estudantes.

Ele traz uma leitura do ponto de vista histórico da legislação da educação superior em direção à criação de Diretrizes Curriculares de todos os cursos de Jornalismo no Brasil e todas as características acadêmicas necessárias para a formação de um profissional completo. O objetivo é analisar como a mídia crítica é implementada nessas diretrizes.

O capítulo começa mostrando as mudanças históricas do currículo que baseia a estrutura de formação dos cursos de jornalismo no Brasil, passando pela implementação e característica de cada currículo até o lançamento das novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's). Em seguida, é analisado como o estudo de mídia crítica é destacado nessas diretrizes, suas características, pontos-chave, abordagens teóricas e práticas da mesma no âmbito acadêmico.

3.1 A IMPLEMENTAÇÃO DAS DIRETRIZES CURRICULARES

A partir de quando são criados, os cursos de Jornalismo, assim como os demais cursos superiores no Brasil, estão subordinados ao Estado, no que se refere aos protocolos de autorização e reconhecimento bem como às determinações do tempo de duração e constituição curricular. Uma leitura do ponto de vista histórico da legislação da educação superior permite asseverar que, durante um longo período, a formação do jornalista ocorreu em cursos cujas estruturas curriculares, obrigatoriamente, necessitavam ser construídas a partir de currículos e currículos mínimos impostos pela esfera governamental federal. Uma das observações mais frequentes ao analisar a literatura que aborda esse percurso formativo do jornalista é que essa formação tem muitas deficiências. Uma dessas críticas é a da forma genérica que os componentes curriculares foram criados, o que pode acabar gerando uma falta de cuidado crítico no ensino ético da profissão.

Somente em 2001 é que as Diretrizes Curriculares foram aprovadas e, assim, as

instituições de ensino tiveram ampla liberdade para compor suas estruturas curriculares conforme o perfil de egresso desejado e sem uma imposição por parte do Ministério da Educação (MEC)

Trata-se de fenômeno decorrente do fortalecimento da democracia, no qual o Jornalismo, assim como outras áreas do conhecimento, desempenha papel decisivo, informando os cidadãos e formando as correntes de opinião pública. Depois de avaliar a trajetória percorrida pela educação dos jornalistas no Brasil, dos currículos mínimos às diretrizes curriculares, a comissão compatibilizou todas as contribuições recebidas, decidindo de modo predominantemente consensual (Brasil, 2013, p.1).

Para entender como o curso de jornalismo e os profissionais chegaram a ter uma diretriz que validasse o ensino e a formação completa da profissão, é necessário ter uma contextualização completa da trajetória do ensino do jornalismo em suas diversas ramificações e nomenclaturas.

O curso de Jornalismo foi criado em 1943 com a publicação do Decreto-lei nº 5.480. Contudo, o primeiro curso, o da Faculdade Cásper Líbero, foi implementado em 1947¹⁴, conforme o Decreto nº 22.245, de 1946, que instituiu o currículo. A partir de então, outros três currículos foram aprovados pelo governo nos anos de 1948, 1949 e 1950¹⁵, respectivamente. O currículo de 1946 privilegiou o jornalismo impresso, embora o rádio já estivesse presente no país desde a década de 1920 e, nos anos de 1930, já fosse comercial (CAJAZEIRAS, 2017). O currículo de 1948, de certa forma, corrigiu essa ausência com a disciplina Radiodifusão no terceiro ano. O de 1949 contemplou três seções: a de formação, a de aperfeiçoamento e a de extensão cultural. E o de 1950 alterou a denominação da disciplina Radiodifusão para Radiojornalismo.

Com a criação dos currículos mínimos pelo Ministério da Educação, o curso de Jornalismo teve dois aprovados. Um, em 1962¹⁶, e o outro, em 1966¹⁷. O currículo mínimo de 1962 criou a disciplina técnica de Rádio e Telejornal, em atendimento às necessidades do jornalismo de televisão, mas, assim como aconteceu com o rádio, foi inserida tardiamente, já que a primeira emissora de TV foi criada no país em 1950. O currículo mínimo de 1966 ampliou o número de disciplinas e as categorizou em gerais ou de cultura geral, especiais ou instrumentais e técnicas ou de especialização.

¹⁴Decreto nº 23.087, de 19 de maio de 1947

¹⁵Decreto nº 24.719, de 29 de março de 1948; Decreto nº 26.493, de 19 de março de 1949; Decreto nº 28.923, de 1 de dezembro de 1950

¹⁶Portaria sem número de 4 de dezembro de 1962

¹⁷Resolução sem número de 2 de setembro de 1966

No ano de 1969, o curso de Jornalismo passou a ser uma habilitação de um curso criado pelo MEC, o de Comunicação Social¹⁸. Esse novo curso sofreu uma forte influência do Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina (CIESPAL), órgão mantido pela UNESCO, com sede em Quito, Equador, que incentivava a figura do comunicador social. O curso de Comunicação Social contou com três currículos mínimos instituídos. O de 1969¹⁹, outro em 1978²⁰, e o último, no ano de 1984²¹. A jornalista e pesquisadora Maria Elisabete Antonioli (2014) faz um levantamento sobre a legislação educacional do curso de jornalismo, criando uma linha do tempo dos acontecimentos marcantes na área.

No ano de 1969, o curso de jornalismo passou a ser uma habilitação de um curso criado pelo MEC, o de Comunicação Social. (...) O curso de Comunicação Social. (...) O de 1969, previsto o aprofundamento das técnicas em jornalismo impresso, radiofônico, televisivo e cinematográfico. (...) 1978, foi incluído o projeto experimental (...) com laboratório disponível. No de 1984, foram descritas as ementas de todas as disciplinas assim como de todos os equipamentos necessários aos laboratórios. (ANTONIOLI, 2014 p.184)

No último currículo mínimo, em 1984, foram descritas as ementas de todas as disciplinas assim como de todos os equipamentos necessários aos laboratórios de: redação, planejamento gráfico, laboratório fotográfico, laboratório de radiojornalismo, laboratório de telejornalismo, hemeroteca e jornal-laboratório.

Assim, durante um longo período, a formação do jornalista ocorreu mediante uma forte imposição do poder público em relação aos currículos dos cursos, pois as instituições tinham autorização apenas para complementá-los.

No decorrer desses anos, especialistas e professores reivindicaram liberdade curricular para os cursos, alegando que a margem destinada para a complementação das disciplinas a serem eleitas pela instituição era muito pequena. Outra questão que suscitou muitas críticas era o fato de que o curso de Comunicação Social mantinha um ciclo básico nos dois primeiros anos para todas as habilitações e um ciclo específico nos dois últimos, o que propiciava uma evasão acentuada de alunos, pois, durante dois anos, eles não se envolviam com as práticas da

¹⁸Além da habilitação em Jornalismo, foram criadas outras: Propaganda e Publicidade, Relações Públicas, Editoração e Polivalente. Com relação a esta última, não obteve aceitação e acabou sendo extinta pelas escolas que a ofereceram;

¹⁹Resolução nº 11/1969

²⁰Resolução nº 3/1978

²¹Resolução nº 2/1984

profissão, o que se tornava bastante prejudicial para a formação.

Essa situação só se modificou em 1984, no último currículo mínimo criado no Brasil, que ofereceu a opção para as instituições planejarem seus currículos sem a obrigatoriedade do ciclo básico, ou seja, havia possibilidade de que as disciplinas comuns a todas as habilitações fossem distribuídas em paralelo à formação específica ou ficassem concentradas nos dois primeiros anos, como estava previsto nos currículos anteriores. Intelectuais brasileiros formados no Ciespal, criticaram essas mudanças alegando terem sofrido influência americana. Os mesmos apresentaram propostas que moldavam profissionais mais “polivalentes”, mas esse modelo também foi criticado por jornalistas devido a sua maior proximidade com teorias do que com práticas jornalísticas.

Na década de 1990, uma reforma nacional no âmbito da educação veio com a aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996), que substituiu o mecanismo do currículo mínimo – criticado por ser demasiadamente limitador da autonomia acadêmica – pelo formato mais aberto das diretrizes curriculares.

As Diretrizes Curriculares Nacionais de Comunicação Social²² foram publicadas em 2001, fazendo com que as instituições ganhassem liberdade para compor os currículos de seus cursos. Se antes havia a imposição de um currículo mínimo, com as diretrizes, as instituições de ensino passaram a contar apenas com orientações para a composição das estruturas curriculares de seus cursos. Dessa forma, os cursos tiveram, pela primeira vez, a possibilidade de serem organizados de acordo com o perfil de egresso proposto no projeto pedagógico, documento que reúne os objetivos, metas e diretrizes de uma escola, e com ampla liberdade para a escolha dos conteúdos. Ao invés de disciplinas, foram descritos três perfis de egressos: comum, específico e específico por habilitação.

Também foram descritas as competências por habilitação, incluídas as atividades complementares e mantido o projeto experimental. Assim, foram validadas, em 2001, as primeiras diretrizes curriculares para comunicação social. Nesse documento, há primeiramente a descrição do perfil, das competências e das habilidades do formando em um sentido mais geral, seguida de parágrafos específicos para cada habilitação (estas seis: jornalismo, relações

²²Diretrizes Curriculares Nacionais de Comunicação Social: Parecer CNE/CES nº 492, de 3 de abril de 2001, Parecer CNE/CES nº 1.363, de 12 de dezembro de 2001, Resolução nº 16, de 13 de março de 2002.

públicas, radialismo, cinema [ou cinema e vídeo], publicidade e propaganda, editoração). Vale notar que, posteriormente, o cinema passou a ser um curso à parte.

Em 2008, em paralelo a uma fase polêmica na disputa judicial que pleiteava o fim da obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão de jornalista no Brasil, o então ministro da educação Fernando Haddad decidiu convocar uma comissão de especialistas para elaborar diretrizes específicas para o curso de jornalismo. Essa decisão não foi espontânea, mas ocorreu em resposta às pressões de um grupo de docentes e profissionais que buscavam apoio e visibilidade para a campanha pró-obrigatoriedade. Em audiência no dia 23 de outubro de 2008, solicitada por representantes da Fenaj, FNPJ e SBPJor, o ministro, ao mesmo tempo em que se esquivou de opinar sobre o assunto da obrigatoriedade, cedeu a outros anseios desses agentes.

Em 18 de setembro de 2009, o Ministro e a então Diretora do Ensino Superior do MEC, Maria Paula Dallari Bucci, acolheram um relatório final de trabalhos realizados pela Comissão de Especialistas em Ensino de Jornalismo. A Comissão de Especialistas em Ensino de Jornalismo repensou o ensino para se adaptar às possibilidades de uma nova formação acadêmica do ingressante no curso. Segundo as DCN's, o concluinte do curso deve estar pronto para desempenhar a função de jornalista como generalista, humanista, crítico, ético e reflexivo. Capacitado a desempenhar produção intelectual, agente de cidadania e da cultura contemporânea, além de possuir fundamentos teóricos e técnicos especializados. As diretrizes justificam e fundamentam a reforma curricular em três pontos: cenário do jornalismo, formação do jornalista e a especificidade do curso.

O encaminhamento do relatório da comissão ao Conselho Nacional de Educação (CNE), Câmara de Ensino Superior (CES), ocorreu em abril de 2010 e o Parecer CNE/CES n° 39/2013, favorável às diretrizes, foi emitido em fevereiro de 2013. Sua homologação ocorreu em 12 de setembro e, dias depois, as diretrizes foram enfim instituídas, por meio da Resolução CNE/CES n° 1, de 27 de setembro de 2013²³.

Assim, o Ministério da Educação (MEC) lançou as novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) do curso de jornalismo. “A adoção, portanto, de Diretrizes Curriculares

²³A homologação foi publicada na edição n° 177 do Diário Oficial da União, em 12/09/13, p.10. A Resolução foi publicada no D.O.U. n.º 190, 01/10/13, pp. 26 a 28. Link para este documento: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19121&Itemid=866

Nacionais Específicas para os cursos de jornalismo, visa, além de orientar a formação do jornalista, gerar estímulo para a criação de bacharelados específicos em jornalismo” (Ministério da Educação, 2013, p. 3). Neste compilado de diretrizes um dos fatores importantes é definir o perfil dos egressos do curso. Por esse motivo, é definido no Art. 5 um norte sobre todo o projeto pedagógico e a grade curricular ideal ao qual os cursos devem se voltar:

Art. 5º O concluinte do curso de jornalismo deve estar apto para o desempenho profissional de jornalista, com formação acadêmica generalista, humanista, crítica, ética e reflexiva, capacitando-o, dessa forma, a atuar como produtor intelectual e agente da cidadania, capaz de responder, por um lado, à complexidade e ao pluralismo característicos da sociedade e da cultura contemporâneas, e, por outro, possuindo os fundamentos teóricos e técnicos especializados, o que lhe proporcionará clareza e segurança para o exercício de sua função social específica, de identidade profissional singular e diferenciada em relação ao campo maior da comunicação social.

O relatório das diretrizes trata de questões cruciais para o jornalismo e para a formação do jornalista como: o novo cenário comunicacional, os suportes tecnológicos, a capacidade discursiva das organizações, a instantaneidade da informação, a globalização de ideias, a revolução das fontes, os comportamentos culturais, as relações de poder, entre outras.

As diretrizes curriculares não mencionam explicitamente a mídia crítica como um tópico a ser abordado no curso. No entanto, as competências e habilidades que devem ser desenvolvidas pelos estudantes durante o curso presentes nas diretrizes já citadas incluem a capacidade de analisar criticamente a realidade social e cultural e identificar e avaliar as fontes de informação. Além disso, o objetivo do curso é formar profissionais capazes de atuar em diferentes áreas do jornalismo, como reportagem, edição, produção, assessoria de imprensa, entre outras. Portanto, é possível que a mídia crítica seja abordada em disciplinas específicas ou como parte de projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos pelos estudantes durante o curso.

Deixar claro em seu artigo que os cursos precisam trabalhar uma formação crítica e ética não resolve a questão plenamente. Embora se mostrem atentas às novas realidades sociais, aos valores da contemporaneidade, ao espírito do tempo, ainda dão importância maior à formação técnica e humanística geral do que às possibilidades formativas e a análise crítica do que seja formar um profissional jornalista qualificado.

Isso pode ser observado após fazer uma avaliação qualitativa utilizando a classificação

criada pelo chamado grupo de Bloom²⁴. O conceito criado pelo grupo de Bloom (1974), basicamente, propõe que os currículos sejam organizados de forma a haver uma lógica no encadeamento das disciplinas e do processo de aprendizagem. A ideia é a de que um conteúdo conduza a outro, em uma ordem crescente e gradual, que se origina no mais simples e vai até o mais complexo, sendo um conteúdo composto por seis etapas inter-relacionadas: conhecimento, compreensão, aplicação, análise, avaliação e síntese.

A estrutura curricular que se imagina ideal a partir do conceito de Bloom (1974) é discutida pelos autores Campos; Rocha (2011).

Infelizmente, porém, nem todos os currículos de Jornalismo estão estruturados de tal modo que no primeiro termo os estudantes possam ter disciplinas que favoreçam o conhecimento, levando-se em conta as deficiências do Ensino Fundamental e também do Ensino Médio, principalmente, a falta de reflexão e de pensamento crítico. Só na sequência é que deveriam vir as disciplinas voltadas à compreensão dos fenômenos, pois é clássico que só quem conhece pode compreender. Vencidas essas duas etapas, os currículos poderiam partir para as disciplinas laboratoriais, a partir das quais o aluno aplicaria o que aprendeu, realizando a necessária experimentação nos mais diferentes produtos. Auxiliado pelas disciplinas dessa fase, o jovem estaria pronto para aprender a analisar o que produziu, desenvolvendo, também, uma visão de conjunto sobre a realidade à sua volta. (CAMPOS; ROCHA, 2011, p.17-18).

Dessa forma, pode-se entender uma divisão baseada em conhecimentos e compreensões da comunicação de maneira geral e da profissão, aplicação e análise prática do que é discutido teoricamente, e finalizando com um momento de integração entre teoria e prática, ou seja, uma síntese final do curso. O ideal para uma formação de mídia crítica completa seria ter o estudo da mesma detalhado em todas as divisões do curso.

Agora ele estaria apto a sintetizar o conhecimento, incorporando sua visão de mundo, seu olhar próprio, sua construção crítica. No fim do curso, então, sim, o estudante passaria por disciplinas que favorecem uma avaliação do todo aprendido, percebendo a complexidade dos sistemas de comunicação e do mundo em geral, tomando noção de que é preciso gerir o processo, gerir, inclusive, o próprio texto, o próprio espaço, dentro da engrenagem comunicativa, dentro das equipes de trabalho, percebendo o todo, o conjunto, as interdependências inerentes ao processo (CAMPOS; ROCHA, 2011, p.18).

Isso quer dizer que, como qualquer estudo adotado dentro do ensino de jornalismo, o aprofundamento na mídia crítica precisa ser colocado em prática para que os estudantes consigam entender como a mesma estaria presente no mercado de trabalho. Estudiosos e

²⁴Em 1951, Benjamin S. Bloom e outros psicólogos dos EUA, como Max D. Engelhart, Edward J. First, Walker H.Hill e David R. Krathwohl, desenvolveram um método de avaliação curricular denominado “Taxionomia de Objetivos Educacionais”, abordando os domínios cognitivo e afetivo da educação.

pesquisadores da área confirmam essa necessidade pois percebem que ambos os aprendizados são essenciais na formação do profissional que atuará como jornalista.

A aplicação das novas diretrizes é uma oportunidade histórica de superar a dicotomia entre teoria e prática em nossos cursos, uma vez que a norma aprovada pela CNE acaba com a ambiguidade entre formar para a prática do Jornalismo e formar para área acadêmica da comunicação, definindo objetivos bem claros e coerentes nesse sentido (SOSTER; TÔNUS, 2014, p. 10)

São diversas formas encontradas atualmente de aprofundar essa temática nos cursos, principalmente porque a profissão vivencia hoje novas possibilidades na sua prática, fundamentalmente com o ambiente digital, que propicia formatos diferenciados de produção, com as mídias sociais, uma das formas mais utilizadas, e, também, com a participação da sociedade no processo comunicacional, atuando não somente como receptora, mas também como emissora.

O projeto político pedagógico do curso desenvolvido pelas DCN's, e aplicado atualmente como base para a formação curricular dos cursos de jornalismo, aborda alguns indicativos que moldam a profissão²⁵. Esses indicativos apontam os conteúdos imprescindíveis para a formação, mas não definem a forma como serão ministrados. As disciplinas ou outras atividades em que serão contemplados, onde isso vai aparecer na grade, se serão ministrados isoladamente ou reunidos com outros conteúdos interdisciplinarmente, tudo isso fica a critério dos Núcleos Docentes Estruturantes na elaboração dos projetos pedagógicos. Um bacharel em jornalismo, por exemplo, tem que ter uma forte cultura jornalística e clareza sobre os melhores padrões profissionais. Entre esses indicativos, vale salientar os que citam a postura crítica dos profissionais:

1. Ter por objetivo a formação de profissionais dotados de competência teórica, técnica, tecnológica, ética, estética para atuar criticamente na profissão, de modo responsável, contribuindo para o seu aprimoramento;

2. Estar focado teórica e tecnicamente na especificidade do jornalismo, com grande atenção à prática profissional, dentro de padrões internacionalmente reconhecidos, comprometidos com a liberdade de expressão, o direito à informação, a dignidade do seu exercício e o interesse público;

²⁵Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf

Através da análise crítica da mídia, os estudantes de jornalismo são capacitados a compreender as complexidades da comunicação de massa, identificar preconceitos e vieses, e avaliar o papel dos meios de comunicação na formação da opinião pública. A seguir, vamos identificar com mais profundidade como o estudo de mídia crítica é abordado dentro das diretrizes curriculares dos cursos de jornalismo.

3.2 A ANÁLISE CRÍTICA DA MÍDIA NAS DIRETRIZES

Aqui estão alguns postos-chave sobre como a mídia crítica é estudada dentro dos cursos de jornalismo de acordo com os indicativos presentes no documento de Diretrizes:

1. **Fundamentos teóricos:** Os cursos de jornalismo começam por fornecer aos estudantes uma sólida base teórica sobre a mídia, incluindo conceitos como *agenda-setting*, *framing*, *gatekeeping* e teorias da comunicação de massa. Esses fundamentos ajudam os alunos a entenderem como os meios de comunicação funcionam e como influenciam a sociedade.

2. **Análise de conteúdo:** A análise de conteúdo é uma ferramenta essencial para os futuros jornalistas. Os estudantes aprendem a desmembrar textos, imagens e vídeos para identificar mensagens subjacentes, discursos dominantes e possíveis vieses. Isso os capacita a criar reportagens mais objetivas e a reconhecer quando a mídia está distorcendo informações.

3. **Ética jornalística:** A ética é um pilar crucial no jornalismo. Os cursos de jornalismo dedicam tempo para discutir questões éticas na mídia, como a responsabilidade de informar com precisão, a necessidade de respeitar a privacidade das fontes e vítimas, e a importância de evitar conflitos de interesse.

4. **Crítica de mídia e análise de notícias:** Os estudantes são encorajados a analisar criticamente notícias e reportagens de diferentes fontes. Eles aprendem a identificar preconceitos, distorções e falhas de apuração. Além disso, são incentivados a examinar como diferentes veículos de comunicação cobrem os mesmos eventos, a fim de entender a diversidade de perspectivas.

5. **Mídia e poder:** Os cursos de jornalismo também exploram o relacionamento entre a mídia e o poder. Os alunos estudam como a mídia pode ser usada como instrumento de controle ou influência política e como o jornalismo independente desempenha um papel

importante na responsabilização das instituições.

6. **Mídia e sociedade:** Os estudantes de jornalismo são encorajados a considerar o impacto da mídia na sociedade, incluindo questões de representação, inclusão e diversidade. Eles aprendem a reconhecer estereótipos e preconceitos na cobertura midiática e a explorar maneiras de promover uma mídia mais inclusiva.

7. **Trabalhos práticos:** Além da teoria, os cursos de jornalismo frequentemente incluem exercícios práticos nos quais os estudantes aplicam as habilidades de análise crítica que adquiriram. Isso pode incluir escrever críticas de mídia, produzir reportagens investigativas ou criar projetos multimídia que destacam questões de mídia crítica.

Em resumo, o estudo da mídia crítica dentro da grade acadêmica desempenha um papel central na formação de jornalistas responsáveis e bem informados. Ele ajuda os alunos a desenvolverem as habilidades necessárias para produzir reportagens precisas, éticas e contextualizadas, enquanto também os capacita a desafiar as narrativas dominantes e a promover uma mídia mais diversificada e responsável em nossa sociedade. Portanto, a mídia crítica é uma parte vital dos cursos de jornalismo, preparando os futuros profissionais para enfrentar os desafios do mundo da comunicação.

3.3 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO

Este capítulo mostrou que houve uma evolução nos estudos de comunicação dentro das universidades, acarretando no lançamento das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de jornalismo e contribuindo para a implementação de um jornalismo e de profissionais modernos e adaptados aos avanços teóricos e práticos da comunicação. A implementação, no entanto, não foi suficiente para destacar a necessidade de existirem disciplinas na grade curricular que trabalhem especificamente o estudo de mídia crítica.

Devido essa alta carga teórica de estudo da mídia crítica, mesmo não existindo uma cadeira específica para esses estudos, somente indicativos e eixos que o moldam dentro do curso, alunos e professores que se interessam em formar profissionais que irão utilizar esse aprendizado para analisar criticamente produções jornalísticas, ou serem os próprios autores dessas produções, criam estratégias para colocar em prática esses eixos. Uma das estratégias

mais comuns dentro das universidades para ampliar o conhecimento da mídia crítica é a criação de observatórios acadêmicos universitários, como veremos no capítulo a seguir.

4. OBSERVATÓRIOS DE IMPRENSA ACADÊMICOS

A partir deste capítulo, vamos entender a presença e a importância dos observatórios de imprensa profissionais e acadêmicos no Brasil e logo em seguida conhecer o SOS Imprensa, observatório escolhido como objeto de análise desta pesquisa.

Em um primeiro momento é analisado, por meio de pesquisas bibliográficas, o surgimento e o crescimento dos observatórios de imprensa no Brasil. Por meio destas pesquisas foi possível identificar suas naturezas, características, contribuições sociais e como a mídia crítica é trabalhada neles.

Em um segundo momento, a pesquisa já começa a ser filtrada para contextualizar o objeto de análise do trabalho. Por meio de pesquisas, análises de entrevistas publicadas por coordenadores anteriores do SOS Imprensa e de entrevistas realizadas com a nova coordenadora do projeto, foi possível entender como funcionam os observatórios de imprensa acadêmicos, o contexto em que surgem e quais são os observatórios acadêmicos presentes no Brasil.

Em um terceiro momento, partimos para entender a formação, o trabalho e a natureza do SOS Imprensa por meio de estudo de objetos, pesquisas bibliográficas e entrevistas. A partir disso, foi possível entrar na seção de análise de entrevistas e das produções que o projeto publicou em seu site durante os dez meses de 2023.

4.1 OBSERVATÓRIOS DE IMPRENSA

Como foi possível observar, analisando a importância e o histórico da mídia crítica no Brasil (capítulo 1) e entendendo se existe e como é realizado o estudo de mídia crítica no âmbito universitário (capítulo 2), nas últimas décadas, vem se ampliando as experiências organizadas pela sociedade civil no sentido de articular a monitoria das atividades da mídia, em especial do jornalismo. Das pioneiras iniciativas como o Observatório da Imprensa e o Mídia & Política (Universidade de Brasília), veículos que se caracterizam pela produção estritamente profissionalizada e com abrangência nacional e internacional, até a consolidação da Rede Nacional de Observatórios da Imprensa (Renoi), percebe-se com clareza a vitalidade de uma prática social, política e comunicante que destaca o potencial educativo dos vigilantes da comunicação.

Os primeiros observatórios de mídia surgiram nos EUA na década de 80, associados a uma ideia de comunicação democrática. Agregaram-se às experiências de ombudsman, além do *media-criticism*, que já existiam e tinham como objetivo estimular a reflexão da sociedade e dos profissionais sobre a prática e a função jornalística (CORREIA, CARVALHEIRO, MORAIS & SOUSA, 2011, p. 471).

Criticando aspectos profissionais e éticos da imprensa, os observatórios têm se consolidado como importantes agentes políticos que não só decifram as intenções dos produtos da indústria cultural, mas também se colocam como avaliadores desse aparelho privado de hegemonia, enxergando-o não como estruturalmente refém das práticas do bloco histórico dominante, mas como esfera contraditória capaz de ser rearticulada em uma nova direção moral e intelectual para a sociedade.

O aparecimento de um grande número de observatórios de imprensa ou de mídia nos últimos anos não é um fato isolado da conjuntura política brasileira. Praticamente todos têm independência em relação aos poderes instituídos, em relação aos interesses político-partidários e aos interesses econômicos da indústria cultural e informativa do país. Isso garante uma crítica autônoma e posiciona os observatórios como novos atores políticos nas relações entre a sociedade e sua mídia. (MOTTA, 2008, p.22)

Os observatórios midiáticos são relevantes instrumentos de crítica. Eles se configuram como um espaço aberto, em que as ações midiáticas específicas são monitoradas e debatidas por especialistas e pela população em geral. De acordo com Luiz Gonzaga Motta (2008, p. 20): “Os observatórios da imprensa fazem crítica da mídia, não de objetos estéticos. Por natureza, esse tipo de crítica, mais ainda que a crítica estética, está histórica e eticamente situado”. Há diversos observatórios de mídia no Brasil, cada um com seu perfil e linha editorial especializada. Essa variação torna o estudo da crítica da mídia muito mais amplo e diversificado. Dessa forma, os observatórios se tornam um dispositivo válido de crítica de mídia, fazendo parte do que Claude-Jean Bertrand (2002) lista e analisa como uma série de modalidades que ele designa por MAS – *Media Accountability Systems*, no sentido de se trabalhar um olhar mais crítico e consciente em relação à mídia.

São publicações especializadas, ouvidorias, conselhos de imprensa, além dos observatórios. Por conta disso, tem sido cada vez mais frequente no mundo a criação de observatórios como forma de participação cidadã e da sociedade, contribuindo para uma democracia mais sólida e um exercício pleno da cidadania.

Christofoletti (2008) destaca em suas pesquisas que os observatórios devem ser empregados como instrumentos educativos para que os movimentos de aperfeiçoamento do acesso aos meios de comunicação no Brasil, o desenvolvimento das práticas jornalísticas e a popularização da internet estejam aliados a um aprendizado com qualidade para as mídias. Essa necessária pedagogia crítica de mídia via observatórios pode se pautar em alguns alicerces:

1) o reconhecimento da construção da mídia e da comunicação como um processo social, em oposição a aceitar textos como transmissores isolados de informações, neutros ou transparentes; 2) algum tipo de análise textual que explore as linguagens, gêneros, códigos e convenções do texto; 3) uma exploração do papel das audiências na negociação de significados; 4) a problematização do processo da representação para revelar e colocar em discussão questões de ideologia, poder e prazer; 5) a análise da produção, das instituições e da economia política que motivam e estruturam as indústrias de mídia como negócios corporativos em busca de lucro. (KELLNER, 2008, p. 690)

Atualmente, os observatórios de imprensa atuam tanto no universo de produção e disseminação de informações jornalísticas quanto analisando de maneira crítica a relação dos meios de comunicação com a sociedade, fortalecendo o debate de democracia e participação popular.

[...] os observatórios apontam falhas em coberturas jornalísticas, manipulações e distorções, bem como restrições e cerceamentos à liberdade de imprensa, o que manifesta sintomas de que os regimes democráticos estejam doentes ou fragilizados. [...] a presença dos observatórios é a encarnação do desejo de mudança e a convicção de que a mídia e a sociedade podem melhorar. (CRISTOFOLETTI, 2017, p. 111)

Ambas as formas de atuação podem contribuir para melhorar a mídia a partir do seu olhar crítico que desnaturaliza os processos midiáticos. Um olhar que não apenas aponta falhas, problemas éticos e desvios, mas também encontra boas práticas, sugere caminhos, estimula a autocrítica e a participação, num exercício de cidadania. A afirmação de Cristofoletti reforça a afirmação que verificamos ao longo dos capítulos: que os observatórios são desejáveis e necessários dentro do panorama social em que vivemos. O autor detalha duas funções primordiais que são mais nítidas nesses dispositivos: a contribuição na qualidade do jornalismo, dos profissionais da área e dos produtos, além de disseminar uma cultura de leitura crítica na sociedade (2017). Alexandra Bujokas Siqueira (2008) acrescenta a essa afirmação de Cristofoletti que existe mais uma função cada vez mais nítida nesses dispositivos, a função pedagógica.

Embora servir ao processo formal de ensino e aprendizagem não seja o objetivo mais proeminente dos observatórios de imprensa, não há como negar a função educativa que eles realmente desenvolvem. De fato, ao selecionar mensagens jornalísticas, organizá-las, compará-las entre si e avaliar conteúdos em função de referências mais

amplas, os observatórios realizam uma tarefa prática (a produção de informação), adicionada de uma reflexão sobre a prática (a análise do modo como os meios de comunicação produzem seus conteúdos). E esse é o fazer básico de toda ação educativa, nas outras esferas do conhecimento contempladas pelo currículo escolar. (SIQUEIRA, 2008, p. 206)

Dessa forma, é possível identificar que os observatórios de imprensa estão evoluindo na sua forma de trabalhar e buscando se tornar cada vez mais acessível ao leitor adicionando novas características. Herrera (2005) ao buscar sintetizar as características dos observatórios de imprensa, listou dez traços comuns aos mesmos:

- 1) Reconhecimento da importância da comunicação e dos meios para a democracia;
- 2) Insatisfação com a atual situação dos meios de comunicação;
- 3) Reivindicação de outra forma de entender a prática jornalística;
- 4) Reivindicação de outros públicos consumidores dos meios;
- 5) Exercício constante, regular e sistemático de monitoramento;
- 6) Intencionalidade revisionista e reformista;
- 7) Caráter propositivo e finalidade mais de recomendar ao descrever;
- 8) Diversidade e criatividade em suas atuações;
- 9) Convicção da importância de divulgar sua atividade;
- 10) Predileção ao uso das novas tecnologias. (HERRERA, p. 1, 2005)

Por meio de todas essas características dos observatórios e a necessária e concreta presença deles na sociedade, o professor Germán Rey (2003) identificou três diferentes tipos de observatórios: os acadêmicos, como é o caso do objeto de análise desta pesquisa SOS Imprensa, os do mercado e os da sociedade organizada. Os observatórios vinculados a universidades e faculdades de comunicação social, a partir de uma perspectiva predominantemente acadêmica, recordam qual deve ser a função dos meios nas sociedades contemporâneas e reforçam a necessidade da conduta dos jornalistas estar orientada por parâmetros éticos e de qualidade. Os do mercado são promovidos pelos próprios profissionais da imprensa, destinados a analisar criticamente as práticas do mercado e a propor correções nos procedimentos adotados pelos pares. Por último, os observatórios que surgem de iniciativas organizadas da sociedade, com a maioria da participação acontecendo de maneira voluntária e sem precisar existir um vínculo profissional. Mesmo com esses diferentes moldes, todos eles atuam como mediadores entre os cidadãos e a mídia.

É também um mediador entre os cidadãos e o meio, é alguém que intervém colocando em contato as reivindicações dos cidadãos com os processos de elaboração da

informação. Por isso, sua ação recai sobre a redação dos jornais, mostrando erros, assinalando distorções, esclarecendo dúvidas. Mas também se expande sobre a cidadania, revelando as complexidades do ofício jornalístico, os encontros e desencontros entre leitores e meios (REY, 2003, p. 1).

Com esses diferentes cenários e com o crescimento do número de observatórios no Brasil nas últimas décadas, faz-se necessário conhecer os observatórios que atuam no país, para entender principalmente em que contexto o nosso objeto de estudo está inserido. Poucas são as pesquisas que listam esses dispositivos no Brasil. A mais completa foi realizada por Patrícia Cunha em 2011, intitulada “Observatórios de Mídia: conceitos, práticas e fundamentos”, em que a autora encontrou 14 observatórios de mídia no país, sendo 7 acadêmicos, e constatou que é o país com maior número dessas instâncias, seguido pelos Estados Unidos com 12 e Espanha com 11. Por meio de um levantamento em sites e blogs também foi possível encontrar outros observatórios de imprensa acadêmicos que não estão presentes na lista de Cunha. A listagem está detalhada na seção 3.2.

4.2 OBSERVATÓRIOS DE IMPRENSA ACADÊMICOS

Como será possível observar nessa seção, o maior número de veículos voltados à crítica de mídia no país está vinculado ao universo acadêmico. Essa maioria pode estar relacionada ao fato de as universidades serem *locus* privilegiados de observação midiática, já que não possuem vínculos institucionais ou econômicos com empresas de comunicação, ou ou mercado político e publicitário. Por conta disso, estudantes e professores podem observar a imprensa de modo isento, trabalhar para incentivar melhorias na qualidade do que é produzido e gerar oportunidade para que os estudantes de jornalismo tenham uma formação mais ética e completa ao passarem por esses observatórios acadêmicos. Sobre isso, Cristofolletti e Herrera (2006) afirmam:

Os observatórios vinculados a universidades e faculdades de Comunicação Social, a partir de uma perspectiva predominantemente acadêmica, recordam qual deve ser a função dos meios nas sociedades contemporâneas e reforçam a necessidade da conduta dos jornalistas estar orientada por parâmetros éticos e de qualidade (CRISTOFOLLETTI e HERRERA, 2006b, p. 7).

Os observatórios de imprensa acadêmicos são projetos de extensão e pesquisa que elegem os meios de comunicação como objeto de investigação e escrutínio. É o caso do Monitor de Mídia (Universidade do Vale do Itajaí), o Observatório Brasileiro de Mídia (USP), o SOS Imprensa (UNB), entre outros que serão listados logo mais. O Canal da Imprensa se estabelece

neste contexto. É uma revista eletrônica de Crítica de Mídia pertencente ao Unasp – Centro Universitário Adventista de São Paulo.

O pesquisador Danilo Rothberg (2010) acredita que estas iniciativas, lideradas por universidades, apesar de possuírem graus de recursos e consolidação variáveis, em geral convergem para três objetivos. Oferecer ao público um conjunto de balizas que sirvam para avaliação da adequação das mídias ao que se deve esperar das mesmas em relação à cidadania; divulgar um painel para que os próprios jornalistas sejam incentivados a refletir sobre seus acertos e eventuais falhas; e (a mais importante razão) estabelecer-se como coadjuvante na formação jornalística dos alunos envolvidos, bem como na formação cultural e política dos mesmos, já que, como foi possível perceber ao analisar as diretrizes curriculares dos cursos de jornalismo, não existe uma cadeira específica para tratar da temática de mídia crítica com teoria e prática.

Além disso, nas universidades os pesquisadores dispõem de um pouco mais tempo de análise, sem ter a pressão de *deadline* para produzirem suas críticas e observarem como é realizado o trabalho da imprensa para sugerir melhoras. Rogério Christofolletti (2005) afirma em sua pesquisa que os observatórios de imprensa acadêmicos são os espaços mais favoráveis para se implementar uma prática reflexiva e criar ações de novos procedimentos qualitativos.

E isso se explica pelo fato de que a universidade é um ambiente seguro (com relativa imunidade às pressões mercadológicas), fértil (pois dele se espera soluções para problemas e explicações para fenômenos e situações), reflexivo (por se constituir num pólo gerador de conhecimento) e plural (reunindo variedades de público e de perspectivas teóricas) (CRISTOFOLLETTI, 2005, p. 2).

O objetivo dos observatórios de imprensa acadêmicos ultrapassa o ensino e a aprendizagem dos estudantes de jornalismo que estão fazendo parte do processo. Um dos pontos de missão é ensinar aos consumidores dos observatórios as habilidades de identificar a metalinguagem jornalística.

De fato ao selecionar as mensagens jornalísticas, organizá-las, compará-las entre si e avaliar conteúdos em função de referências mais amplas, os observatórios realizam uma tarefa prática (a produção de informação), adicionada de uma reflexão sobre a prática (análise do modo como os meios de comunicação produzem seus conteúdos). E esse é o fazer básico de toda ação educativa, nas outras esferas do conhecimento contempladas pelo currículo escolar. E, para além da escola, os observatórios também se encaixam naquele ramo que vem sendo chamado de “aprendizado aberto”, em que especialistas de uma área disponibilizam seus conhecimentos em uma rede e criam mecanismos para que outras pessoas partilhem da construção coletiva de um saber (SIQUEIRA E ROTHBERG, 2008, p. 206).

O conhecimento compartilhado contribui com a ampliação da consciência pública sobre o modo como a imprensa entrega as produções, gerando a capacidade de realizar um consumo crítico dos meios. Além dessa vantagem e missão, os observatórios de imprensa acadêmicos possuem a vantagem já destacada nesta pesquisa de contribuir com o processo de mídia crítica de forma independente para melhorar a atuação jornalística.

Como já mencionado no início do capítulo, por meio de pesquisas na internet e estudos de autores, como Fernanda Lopes (2016), que procuraram listar os observatórios de imprensa acadêmicos, foi possível identificar um total de 19 observatórios acadêmicos no Brasil. Alguns permanecem ativos, com diferenças de assiduidade entre eles; outros estão desativados, mas permanecem ligados à universidade. São eles:

1. **Canal da Imprensa** (www.canaldaimprensa.com.br): observatório ativo, em formato de revista eletrônica, vinculado ao Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp);
2. **Observatório de Economia e Comunicação** (<http://obscom.com.br/>): observatório ativo, vinculado à Universidade Federal de Sergipe;
3. **Observatório da Mídia Regional** (www.ufpc.br/observatorio): observatório ativo, atualmente vinculado à Universidade Federal do Espírito Santo;
4. **SOS Imprensa** (<https://sosimprensa.wordpress.com/>): observatório ativo, vinculado à Universidade de Brasília.
5. **Mídia em Foco** (midiaemfocofeevale.blogspot.com.br): observatório ativo ligado a Universidade Feevale;
6. **ObjETHOS** (<https://ObjETHOS.wordpress.com>): observatório ativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina;
7. **Observatório da Qualidade no Audiovisual** (<http://observatorioaudiovisual.com.br>): observatório ativo, vinculado à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF);
8. **Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina** (www.observatorioradiodifusao.net.br): observatório ativo, vinculado à Universidade de Brasília;
9. **Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura** (<http://obcom.nap.usp.br/>): observatório ativo, vinculado à Universidade de São Paulo;
10. **Observatório da Saúde na Mídia** (saudenamidia.icict.fiocruz.br): observatório ativo, vinculado à Fundação Oswaldo Cruz;

11. **Plural - Observatório de Comunicação e Cidadania** (<http://www2.faac.unesp.br/blog/obsmidia/>): observatório ativo, vinculado à Universidade Estadual Paulista.

12. **Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino** (<http://www.uf.edu.br/opaje>), observatório ativo, vinculado à Universidade Federal de Tocantins;

Alguns observatórios identificados encontram-se inativos. É o caso da:

1. **Agência Unama** (www.agencia.unama.com.br): observatório inativo, que era ligado à Universidade da Amazônia, no Pará;

2. **Monitor de Mídia** (www.univali.br/monitor): observatório inativo, que era ligado à Universidade do Vale do Itajaí, em Santa Catarina;

3. **Mídia e Política** (www.midiaepolitica.unb.br): observatório inativo, que era ligado à Universidade de Brasília, no Distrito Federal;

4. **Observando Parintins** (observandoparintins.blogspot.com.br): observatório inativo. Quando ativo, era vinculado à Universidade Federal do Amazonas;

5. **Observatório Brasileiro de Mídia** (<http://www.observatoriodemidia.org.br>): observatório inativo, que era vinculado à Universidade de São Paulo;

6. **Observatório de Mídia** (<http://observatoriodemidia.blogspot.com.br>): inativo atualmente, mas quando ativo era vinculado à Faculdade Pitágoras de Divinópolis;

7. **Observe** (www.observe.ufms.br): observatório inativo, mas segue vinculado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul;

O SOS Imprensa, escolhido entre os ativos para ser o objeto de análise desta pesquisa, está entre os mais assíduos dentro e fora da universidade, além de ser um dos mais ativos na internet, como vamos observar a seguir.

5. O SOS IMPRENSA

Figura 1: Site SOS Imprensa



O SOS Imprensa²⁶ (figura 1), observatório de imprensa acadêmico criado como projeto de extensão na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, tem como propósito central a produção e difusão de uma crítica da mídia que alcance não só as comunidades próximas à universidade, mas que possa fomentar uma literacia mediática para uma formação cidadã que ultrapasse fronteiras geográficas²⁷.

O projeto foi escolhido como objeto de análise desta pesquisa devido a sua proximidade com as características teóricas e pedagógicas da definição e da maneira como deve se pautar um observatório de imprensa acadêmico. Outra contribuição para a escolha do SOS foi a assiduidade do projeto de extensão nas redes sociais, com postagens frequentes, e outras formas que seus participantes encontraram de levar o projeto para fora do cenário acadêmico, ou seja, tornar a sociedade presente nas ações e nas produções (características que formam um observatório de imprensa). Além disso, é importante destacar que, como visto anteriormente, não são todas as universidades do Brasil que possuem observatórios de imprensa acadêmicos. Por esse motivo, também é levado em conta sua localização geográfica, já que pertence à Universidade de Brasília, onde se localiza a capital do país. Isso leva em conta também o

²⁶Disponível em: <https://sosimprensa.wordpress.com/>. Contato do projeto: sosimprensa@gmail.com. Acesso em: 08/11/2023

²⁷

contexto político que rodeia o projeto, pois Brasília é o centro político do Brasil.

Dessa forma, a pesquisa foi realizada por meio de estudos bibliográficos sobre o trabalho de mídia crítica e o projeto SOS Imprensa, entrevista com a coordenadora e com alunos do projeto, além de analisar todas as matérias publicadas pelo observatório de imprensa acadêmico durante o ano de 2023, totalizando 30 matérias até a finalização desta pesquisa. As entrevistas aconteceram por meio de Email e WhatsApp, além de um formulário com perguntas que foram respondidas por alguns participantes do projeto. A entrevista com a coordenadora do projeto, Rafiza Varão, aconteceu primeiramente por e-mail, e durante a produção dos capítulos foram feitos contatos com a também professora do curso de jornalismo da UNB para tirar dúvidas sobre o trabalho do SOS Imprensa e a mídia crítica nele por meio do WhatsApp.

Para Rafiza foram realizadas as seguintes perguntas por e-mail: 1) Qual o objetivo principal de ter um observatório de imprensa dentro da universidade? 2) De que maneira alunos e professores trabalham para chegar nesse objetivo? 3) O que o curso e o público em geral têm a ganhar com o que é trabalhado dentro dos observatórios? 4) Quais são os pontos de semelhanças e diferenças entre o que é trabalhado dentro do SOS Imprensa e o que é trabalhado em observatórios profissionais maiores? 5) Você já trabalhou com a mídia crítica fora do âmbito acadêmico? A forma como a mídia crítica é trabalhada dentro dos observatórios de imprensa universitários mudou com o tempo? 6) Qual a importância de ter um projeto trabalhando mídia crítica para a formação dos estudantes? 7) Como os estudantes que fazem parte do SOS Imprensa definem as pautas, divisão de tarefas e estrutura dos trabalhos? 8) O que profissionais que atuam em observatórios fora da universidade podem aprender com estudantes que atuam no SOS Imprensa, por exemplo?

Para os alunos foi criado um formulário de perguntas onde a professora Rafiza divulgou nos grupos do SOS Imprensa, mas somente três alunos estudantes de jornalismo da UnB e participantes do projeto responderam. As alunas são: Julia Giusti da Costa (3º semestre), Ana Luíza Brandão (8º semestre) e Laíze Matos de Oliveira (2º semestre). As perguntas do formulário foram: 1) Já havia estudado mídia crítica antes de entrar no projeto? De que maneira? 2) Como você enxerga a importância de um observatório de imprensa dentro da universidade para a formação dos futuros jornalistas? 3) De que maneira o estudo de mídia crítica é abordado dentro do SOS Imprensa? 4) Você acredita que estar dentro do SOS Imprensa vai lhe agregar profissionalmente? Justifique. 5) Como a mídia crítica e os observatórios de imprensa podem contribuir para a qualidade do jornalismo?

De acordo com a entrevista realizada com a professora do curso de jornalismo da UnB e coordenadora do SOS desde 2017, Rafiza Varão²⁸, o SOS foi criado inicialmente como projeto de pesquisa, em 1996, pelo professor Luiz Martins da Silva e atua na extensão desde 2000, tendo formado centenas de estudantes. Ao longo de seus 27 anos, o SOS Imprensa atuou em diversas frentes. Atualmente, trabalha sobretudo com a produção de crítica da mídia, construindo uma literacia midiática a partir do olhar dos estudantes acerca dos meios de comunicação e seus produtos. Como o próprio projeto identifica em seu site, ele foi criado com a “finalidade de amparar as vítimas dos erros e abusos da mídia” e após uma reformulação na última década ele manteve o objetivo inicial, mas agora tem o objetivo principal de “fazer uma leitura crítica dos meios de comunicação”.

Isso significa que, atualmente, o SOS atua como um observatório de imprensa, de acordo com suas principais funções, a saber:

[...] monitorização dos veículos e de seus profissionais e a outra de alfabetização midiática da sociedade. Ambas podem contribuir para melhorar a mídia a partir do seu olhar crítico que desnaturaliza os processos midiáticos. Um olhar que não apenas aponta falhas, problemas éticos e desvios, mas também encontra boas práticas, sugere caminhos, estimula a autocrítica e a participação, num exercício de cidadania. (PARENTE E PINTO, 2016, p. 411).

Segundo a coordenadora e pesquisas realizadas anteriormente pelo projeto, o foco de trabalho do SOS ampliou-se a partir de 2010, quando passou a ter três diferentes enfoques: monitoramento de casos de erros, abusos ou danos causados pela imprensa; leitura crítica; e *media literacy*, podendo receber quatro tipos de pedidos de “socorro” ou SOS: “Socorro, eu fui vítima da imprensa”; “Socorro, eu preciso da imprensa”; “Socorro, a imprensa precisa de ajuda” e, por fim, “Socorro, o cidadão precisa de outras imprensas”. Desde 2011 o projeto utiliza de ferramentas e possibilidades da internet para conseguir atingir todos esses objetivos a que ele se propôs e alcançar um maior público. O blog do projeto foi criado em 2011 e está em atividade até hoje, sendo um espaço de produção e repositório de textos que os alunos participantes utilizam para realizar as reflexões de mídia crítica.

Em 2016, os professores Silva e Paulino²⁹ (2016) dividiram os 20 anos do SOS em quatro fases:

²⁸ A professora Rafiza Varão concedeu entrevista sobre mídia crítica e o trabalho do SOS Imprensa. Contato:

²⁹ Luiz Martins da Silva foi coordenador do SOS desde a sua fundação até o início de 2017 e Brasília Fernando Paulino é professor da Universidade de Brasília e foi um dos bolsistas pioneiros do SOS-Imprensa.

1. Uma primeira mais focada em compreender a imprensa como um serviço ao público, mas que era também fonte de erros e abusos;
2. A segunda, quando houve consciência da existência de diferentes tipos de MAS³⁰ por parte dos docentes, consultores e alunos envolvidos no SOS, com a leitura de textos e debates sobre *civic journalism*, diferenciação entre interesse público e interesse do público etc.;
3. Uma terceira fase, que levou os participantes do SOS a realizarem produtos de leitura crítica, programa de TV, site, blog e conexão com a disciplina Ética na Comunicação.
4. Por fim, a quarta e atual fase na qual o SOS se encontra, na busca de construir um campo de debate sobre os meios para a comunicação social.

Um ponto destacado por Silva e Paulino em 2008 e confirmado pela atual coordenadora do SOS, Rafiza Varão, é sobre como pode se dá interação com a sociedade quando os leitores buscam os observatórios acadêmicos, com base na experiência com o SOS. “Verificamos três situações distintas: na primeira fase do SOS, o pedido de socorro era: ‘Socorro, a mídia me ofende!’; na segunda, ‘Socorro, eu preciso da mídia!’ (mas ela não me atende); e, a terceira, ‘Socorro, a mídia está em perigo!’ (quando a instituição e os seus profissionais passam por constrangimentos, ameaças e obstruções)” (SILVA E PAULINO, 2008, p. 117).

A primeira forma de interação do SOS é por meio da internet. Todas as produções realizadas e publicadas no blog do observatório são compartilhadas nas redes sociais do projeto: Instagram³¹ (Fig. 2), Twitter³² (Fig. 3) e Facebook³³ (Fig. 4). Essas redes sociais contribuem na disseminação do projeto e das produções, fazendo a temática furar bolhas, ao estarem disponíveis para diversos público e possuírem um alcance desejável, e se apresentar para diversos públicos, ou seja, elas são uma porta de entrada para as análises dos estudantes.

³⁰MAS – Media Accountability Systems (Bertrand, 2002).

³¹Disponível em: <https://www.instagram.com/sosimprensa/>. Acesso em: 01/11/2023

³²Disponível em: <https://twitter.com/sosimprensa>. Acesso em: 01/11/2023

³³Disponível em: https://www.facebook.com/sosimprensa/?locale=pt_BR. Acesso em: 01/11/2023

Figura 2: Instagram SOS Imprensa



Figura 3: Twitter SOS Imprensa



A segunda forma de interação com a sociedade que o SOS utiliza é por meio do projeto SOS Escolas (<https://sosimprensa.wixsite.com/sosescolas/sos-escolas>). O projeto foi criado para instituir parcerias com escolas do Distrito Federal e assim levar para esses espaços oficinas com temáticas diversas que rodeiam a comunicação. O objetivo é criar um conhecimento crítico acerca da mídia para estudantes do ensino fundamental e médio, além de aproximá-los das rotinas produtivas dos meios de comunicação para compreender como funcionam os processos de análise e até mesmo de manipulação. Rafiza Varão afirma que esse projeto ajuda a criar uma relação consciente com os meios.

O SOS Escolas, ação integrante do projeto de extensão SOS Imprensa, acredita no

conhecimento como elemento da vida movido por afeto e, por isso mesmo, transformador. É na escola que essa força se constitui com maior intensidade, modificando vidas, revolucionando histórias, abrindo as portas da cidadania, pavimentando uma sociedade mais justa. Assim, o SOS Escolas espera construir sua parceria com as escolas do Distrito Federal, de mãos dadas, sabendo que é pela educação que chegaremos juntos a um futuro melhor. (VARÃO, 2019, editorial)

No site SOS Escolas, os estudantes do curso de jornalismo compartilham as visitas nas escolas, as dinâmicas que realizaram e as produções que os alunos das escolas fizeram por meio da dinâmica. Pelo site da ação, além do editorial e da página “Sobre” que explica o projeto, existem mais três itens do menu principal. A primeira, denominada “dinâmica”, apresenta uma atividade para os professores interessados passarem aos alunos. A página detalha como a dinâmica deve ser realizada e o objetivo, além de ter o espaço para ajudar o professor a executá-la e analisar os resultados. A segunda página, “Visitas”, apresenta os registros das visitas realizadas. Por último, o site separa uma página somente para armazenar os textos produzidos pelos alunos em formato de editorial.

A terceira forma de interação que o SOS Imprensa oferece para a sociedade é com a produção de podcasts. Com o nome de SOS Cast (figura 5), os alunos produzem os materiais com o fim de expandir mais as análises críticas da mídia nacional e internacional. A página do observatório no *Spotify* possui quatro publicações, sendo duas realizadas em 2023.

A coordenadora do projeto detalhou que investir em podcasts é um dos objetivos para os próximos semestres do observatório. As duas postagens de 2023 deixam bem clara a intenção de analisar a imprensa atual. O primeiro, publicado em junho, tem como análise a cobertura jornalística de ataques em escolas. No episódio, eles abordam as recentes mudanças em coberturas de ataques em escolas pela mídia brasileira e entrevistam convidados pesquisam sobre ética e jornalismo. Já o episódio mais recente, publicado no dia 19 de outubro, chama-se “Por que as notícias são como são?”, os alunos convidam jornalistas e professores universitários para conversar sobre enquadramento jornalístico e sobre as produções de notícias nas redações jornalísticas.

Figura 4: Facebook SOS Imprensa



SOS Imprensa

3,2 mil curtidas • 3,2 mil seguidores

SOS Imprensa é um projeto de extensão da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (

Figura 5: Podcast SOS Cast



Outra, e uma das mais recentes, formas que o SOS Imprensa encontrou para interagir com os consumidores foi a criação da ação *Outros Eixos*, criada em 2020 durante os seis primeiros meses da pandemia do Sars-CoV-2, momento em que todas as atividades presenciais do projeto foram suspensas. Essa ideia veio a partir do momento em que os membros do projeto passaram a se questionar como a imprensa brasileira vinha assumindo seus compromissos éticos na cobertura da pandemia. Rafiza destaca que o objetivo da ação é responder a essa indagação a partir do propósito central do SOS: a produção e difusão de uma crítica da mídia que alcance não só as comunidades próximas à universidade, mas que possa fomentar uma literacia mediática para uma formação cidadã que ultrapasse fronteiras geográficas.

As definições de eixo nos dicionários incluem a noção de ponto central, capital dos acontecimentos. No jornalismo nacional, costumamos alocar a cobertura noticiosa no eixo que se distribui entre Rio de Janeiro/São Paulo/Brasília. Mas num país de dimensões continentais como o Brasil, os eixos são muitos. Os quase 210 milhões de brasileiros se espalham e orbitam muitas esferas — às vezes inalcançáveis pelo

imaginário de quem se acostumou àquelas três cidades como as principais geradoras de notícias para todo o território. Não tem sido diferente na pandemia do novo coronavírus. Entendendo a importância de se pensar a mídia e o enfrentamento da doença nos mais diversos rincões do país, o SOS Imprensa dá início hoje a uma série de contribuições de jornalistas, professores e pesquisadores de jornalismo que atuam em regiões-eixos para eles, para tantos outros, revelando as nuances de como se vê a pandemia de cada canto em que o jornalismo se faz presente. Assim, nasce o OUTROS EIXOS, do SOS Imprensa. (VARÃO, 2020, p. 04-05)

Assim, o projeto abriu espaço para que oito autores de diversas regiões do país pudessem publicar seus textos no site do SOS e disseminar as informações nas redes do mesmo, analisando como funcionou a cobertura midiática nesses espaços.

Como foi possível observar, o SOS Imprensa é um dos observatórios acadêmicos bastante ativo e engajado na temática da mídia crítica, motivo que nos leva a torná-lo o objeto de estudo ideal para este trabalho. Na próxima seção iremos analisar a parte central do projeto, suas produções jornalísticas no site oficial. Por meio dessa análise, será possível entender se os estudantes de jornalismo que fazem parte do projeto conseguem utilizar e aprender sobre mídia crítica, tornando-se assim profissionais mais completos e críticos.

5.1 AS ENTREVISTAS E MATÉRIAS PUBLICADAS EM 2023

Com o objetivo de entender como a mídia crítica é trabalhada dentro dos observatórios de imprensa universitários e de que maneira os estudantes de jornalismo que fazem parte desses espaços conseguem ter uma formação mais ética e responsável ao praticar a mídia crítica, além da entrevista realizada por e-mail com a coordenadora do SOS Imprensa e professora do curso de jornalismo da UnB, Rafiza Varão, também foram analisadas as matérias publicadas no site observatório acadêmico do início de janeiro ao final de outubro de 2023, destacando as mais importantes para uma análise mais detalhada. Também foi possível pegar respostas de alunas do curso e participantes do projeto por meio de um formulário produzido e divulgado nos grupos dos participantes do SOS Imprensa.

Ao realizar a entrevista com a atual coordenadora do SOS Imprensa, foi questionado qual é o objetivo principal de ter um observatório de imprensa dentro da universidade e a professora relacionou essa presença com um *Easter Egg*³⁴. “Os observatórios ensinam os

³⁴O termo é usado para descrever surpresas intencionalmente escondidas em jogos, filmes, séries, sites ou aplicativos. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2022/04/o-que-e-easter-egg-saiba-relacao-dos-ovos-de-pascoa-com-surpresas-virtuais.ghtml>. Acesso em 01/11/2023.

estudantes a analisarem criticamente a mídia, mas, no fundo, formam esses mesmos estudantes para um exercício profissional crítico, ao ensiná-los sobre ética e atuação correta no mercado de trabalho”. Dessa forma, um observatório é um instrumento pedagógico e formativo dentro da universidade.

Para atingir esses objetivos sociais e pedagógicos, Rafiza e os estudantes de jornalismo que fazem parte do projeto destacam o trabalho de forma colaborativa, que incentiva o protagonismo dos estudantes e sua autonomia, levando o resultado desse trabalho para a sociedade. “O público tem a ganhar bastante com uma visão mais apurada das mensagens dos meios de comunicação, da compreensão do papel desses mesmos meios e também com a ‘entrega’ realizada pela universidade de jornalistas mais comprometidos e éticos”.

A jornalista afirma que não existem diferenças entre o que é trabalhado dentro do SOS Imprensa em relação ao trabalho dos jornalistas nos observatórios que existem fora do âmbito acadêmico. “A vocação e o trabalho é praticamente o mesmo”, afirmou Rafiza. Como já destacado anteriormente, um desses trabalhos que o SOS realiza é a produção textual no site oficial do projeto. É por meio dessas publicações que os estudantes conseguem colocar em prática o estudo de mídia crítica com a liberdade da escrita. “No SOS, são os estudantes que definem suas pautas, não há muito um processo de *gatekeeping*, pois é estimulada a maior quantidade possível de publicações”, complementou a professora.

É importante lembrar que todas as páginas de produções do SOS Imprensa possuem espaços dedicados para o leitor ter liberdade de realizar comentários e realizar a leitura dos comentários que os outros consumidores portaram. Na lista abaixo será possível encontrar todas as matérias que o SOS Imprensa publicou entre os meses de janeiro e outubro de 2023.

Para esta análise foram selecionadas todas as postagens que o observatório de imprensa acadêmico SOS Imprensa realizou em seu site por um período de 10 meses, entre o dia 09 de janeiro, dia da primeira postagem no site do ano, até o dia 31 de outubro, em que foi realizada a última postagem do site no mês de outubro. No total, foram publicadas e coletadas para análise 30 matérias durante o ano de 2023, até o final do mês de outubro.

Quadro I. Matéria SOS Imprensa 2023

Data	Título	Resumo da Matéria
------	--------	-------------------

09/01	<p>Invasões criminosas em Brasília: destruição do patrimônio público e dos princípios democráticos.</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/01/09/invasoes-criminosas-em-brasilia-destruicao-do-patrimonio-publico-e-dos-principios-democraticos/</p>	<p>A primeira matéria do ano aborda a invasão do Congresso Nacional em 8 de janeiro, o contexto político em que isso aconteceu, além de causas e consequências da ação. A matéria, trabalhada em formato de editorial, deixa clara a opinião do SOS Imprensa sobre o ocorrido, mas sempre apresentando fatos, com imagens e informações que contextualizam a produção. Também apresenta um resumo aos leitores sobre a trajetória política do ex-presidente Jair Bolsonaro e como ele influenciou seus seguidores.</p>
22/01	<p>O que é Terrorismo?</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/01/22/o-que-e-terrorismo/</p>	<p>A matéria se aproxima mais de uma análise crítica sobre o trabalho da mídia. Nela, a autora resolve analisar os motivos pelos quais a mídia nomeou os ataques de antidemocráticos de janeiro como terroristas. A parte interessante dessa produção é que a autora trabalha o texto de uma forma que não dá para identificar se o SOS concorda com o termo empregado ou não. São apresentados fatos, leis e opiniões de figuras públicas que entregam uma liberdade para o leitor analisar e formar sua opinião sobre a situação.</p>
30/01	<p>Valorização de Ídolos Nacionais</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/01/30/valorizacao-de-idolos-nacionais/</p>	<p>A matéria analisa como a mídia repercutiu os velórios de Pelé e Roberto Dinamite após diversas polêmicas de outros atletas ao declararem que o Brasil não valoriza os ex-fenômenos. Foi apresentado um contexto pré e pós-morte do Pelé e como o mundo esportivo se comportou nesse período.</p>

02/02	<p>Lula indica deputado ex-bolsonarista para Ministério das Comunicações</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/02/02/lula-indica-deputado-ex-bolsonarista-para-ministerio-das-comunicacoes/</p>	<p>Nesta produção é analisada a repercussão negativa por partes de ativistas da comunicação após a nomeação de Juscelino Filho, político de direita, para dirigir o Ministério das Comunicações. É analisado o contexto político que levou a essa nomeação, o histórico do político, como a mídia reagiu e qual foi o possível objetivo do governo com isso. Uma das produções menos opinativas do observatório.</p>
25/02	<p>Caso Daniel Alves e o Papel da Imprensa Esportiva</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/02/25/caso-daniel-alves-e-o-papel-da-imprensa-esportiva/</p>	<p>Mais uma matéria sobre a mídia esportiva, a produção relata o caso de Daniel Alves e outras situações de violência contra mulheres no mundo do esporte. Eles abordam casos e matérias publicadas para que o leitor consiga entender a forma que a mídia esportiva vem alterando sua maneira de tratar esses casos e fazer com que os acusados sejam lembrados pelo que fizeram.</p>
24/03	<p>Novo governo, novo arcabouço fiscal, mesma taxa de juros</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/03/24/novo-governo-novo-arcabouco-fiscal-mesma-taxa-de-juros/</p>	<p>Ao fazer um estudo das promessas econômicas para o início do governo Lula, o texto aborda sobre como estava economicamente o país, o teto de gastos e a taxa de juros do país antes e as movimentações na política para que as promessas econômicas fossem cumpridas. Uma produção bem detalhada, com contextualização, dados e utilizando uma linguagem mais acessível para um fácil entendimento por parte do leitor.</p>
12/04	<p>Por que os jornais estão adotando uma postura opinativa</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/04/12/por-que-os-jornais-estao-adotando-uma-postura-opinativa/</p>	<p>Matéria deixa bem clara o trabalho da mídia crítica já no seu título. O autor conseguiu observar uma mudança em veículos focados em notícias objetivas, migrando para uma forte presença opinativa.</p>

21/04	<p>A Metamorfose da imprensa</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/04/21/a-metamorfose-da-imprensa/</p>	<p>Esta produção aborda o fortalecimento e a banalização de ideais extremistas e preconceituosas, potencializadas pelas mídias digitais. Contextualizam casos recentes e abordam uma decisão da mídia em não divulgar nome e imagens dos autores desses tipos de crime.</p>
26/04	<p>Inteligência artificial impressiona e assusta, mas mídia ainda derrapa ao falar sobre o assunto</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/04/26/inteligencia-artificial-impressiona-e-assusta-mas-midia-ainda-derrapa-ao-falar-sobre-o-assunto/</p>	<p>Mostrando seu trabalho como um observatório de imprensa, a produção faz uma análise negativa sobre o sensacionalismo midiático ao tratar sobre o avanço da inteligência artificial e as consequências dessa midiatização para a sociedade.</p>
01/05	<p>Mobilizações online contra taxaço e seus impactos na política</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/05/01/mobilizacoes-online-contratacao-e-seus-impactos-na-politica/</p>	<p>A autora faz uma análise sobre a cautela política ao tratar de assuntos no meio digital a partir de uma manifestação virtual contra a taxaço de produtos e a injustiça na tributação indireta sobre o consumo. Com análise de gráfico e de matérias, a produção consegue explicar como as mobilizações online estão conseguindo impactar na política nacional.</p>
08/05	<p>Caminho do meio</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/05/08/caminho-do-meio/</p>	<p>A matéria faz uma análise das maneiras que a mídia encontrou de abordar a temática do suicídio sem ser sensacionalista, por se tratar de um problema de saúde pública. Ela aborda os extremos da mídia sobre o assunto e a preocupação em tratar como um problema social e abordá-lo com ética e responsabilidade. A matéria traz sua opinião sobre o assunto e para onde mais essa questão deveria se estender.</p>

15/05	<p>Três jornais, uma só opinião</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/05/15/tres-jornais-uma-so-opinioao/</p>	<p>A matéria analisa como os três maiores jornais impressos do país se comportaram diante das falas do presidente Lula sobre a guerra na Ucrânia. O autor observa que os jornais Folha de S.Paulo, O Globo e Estadão concordaram entre si em repudiar as declarações de Lula e o motivo de isso acontecer.</p>
16/05	<p>Chat GPT e o futuro do jornalismo</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/05/16/chatgpt-e-o-futuro-do-jornalismo/</p>	<p>O texto faz uma breve análise sobre o contexto jornalístico em que o ChatGPT surgiu, sempre especificando o que é o objeto de análise, e quais poderiam ser as consequências dessa ferramenta de inteligência artificial para o jornalismo e seus profissionais.</p>
19/05	<p>Santo Metrôpoles?</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/05/19/santo-metropoles/</p>	<p>Com um trabalho de análise crítica bastante profissional, a produção critica o trabalho jornalístico do Metrôpoles. Por meio de polêmicas que surgiram ao longo do ano, criadas a partir de matérias sensacionalistas e antiéticas que o veículo publicou, o SOS apresenta aos leitores a maneira como o portal pode tratar a informação como mercadoria.</p>
24/05	<p>Da condenação por violência sexual, nos anos 80, à recente demissão no Corinthians: o caso Cuca e a abordagem da mídia após mais de três décadas</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/05/24/da-condenacao-por-violencia-sexual-nos-anos-80-a-recente-demissao-no-corinthians-o-caso-cuca-e-a-abordagem-da-midia-apos-mais-de-tres-decadas/</p>	<p>A produção faz uma análise com resultado positivo a respeito das mudanças de posicionamento que o jornalismo aderiu ao longo dos anos ao abordar o caso do ex-jogador Cuca e seu caso de violência sexual.</p>

29/05	<p>Nepotismo Torpe</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/05/29/nepotismo-torpe/</p>	<p>Diferente das matérias que tratam sobre o caso do prefeito que se casou com uma adolescente de 16 anos, esta produção faz uma crítica aos jornais que divulgaram a notícia, apresentando explicitamente fotos e as redes sociais da adolescente, o que é contra a lei e antiético. A produção mostra como esse tipo de atitude por parte dos jornalistas instiga as pessoas a tomarem atitudes até criminosas sobre o caso.</p>
06/06	<p>CPMI do 8 de janeiro pelos olhos da grande mídia brasileira</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/06/06/cpmi-do-8-de-janeiro-pelos-olhos-da-grande-midia-brasileira/</p>	<p>A matéria faz uma crítica de como a mídia bombardeia os leitores com notícias repetitivas e sem informações novas/relevantes com o objetivo exclusivo de obter audiência. A autora declara uma falta de tato por parte da mídia com aquilo que realmente se enquadra no quesito “noticiável”, utilizando a CPMI do 8 de janeiro como exemplo.</p>
09/06	<p>Limpeza de Imagem</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/06/09/limpeza-de-imagem/</p>	<p>Esta produção faz uma crítica à maneira como a mídia ajudou a criar uma imagem engraçada do cantor Naldo Benny e apagar o seu passado de violência contra a mulher. Esta crítica mostra todo o contexto que isso ocorre e por que nós profissionais não podemos incentivar esse tipo de propagação.</p>
13/06	<p>A violência coberta por Hollywood: cores importam ou não?</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/06/13/a-violencia-coberta-por-hollywood-cores-importam-ou-nao/</p>	<p>A matéria faz uma crítica ao modo como a mídia e os estúdios cinematográficos tratam de maneira diferente escândalos envolvendo atores. Por meio de fatos e apresentação de matérias, o autor mostra que atores negros possuem sua reputação manchadas após os escândalos enquanto atores brancos são aclamados e possuem seus históricos polêmicos abafados.</p>

03/07	<p>Funk brasileiro: dos bailes de favela aos palcos internacionais</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/07/03/funk-brasileiro-dos-bailes-de-favela-aos-palcos-internacionais/</p>	<p>Uma produção mais descontraída do portal, já que destoa da maioria das matérias, este texto faz uma análise da expansão do funk no Brasil e o que mudou na mídia ao retratar o ritmo musical.</p>
10/07	<p>Cobertura midiática e Monarquia britânica</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/07/10/cobertura-midiatica-e-monarquia-britanica/</p>	<p>A matéria analisa como a mídia se comporta diante da realeza britânica, os recentes escândalos envolvendo invasão de privacidade e os supostos acordos entre uma parte da mídia sensacionalista e a própria família real.</p>
24/07	<p>A polêmica visita de Maduro ao Brasil</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/07/24/a-polemica-visita-de-maduro-ao-brasil/</p>	<p>Esta produção mostra o poder que a mídia, os jornalistas e os meios de comunicação de maneira geral possuem diante da necessidade de combater alegações mentirosas e/ou distorcidas. A matéria aborda como as falas do presidente Lula repercutiram na mídia.</p>
28/07	<p>A percepção midiática dos sete primeiros meses do governo Lula</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/07/28/a-percepcao-midiatica-dos-sete-primeiros-meses-do-governo-lula-3/</p>	<p>Nesta produção o autor não analisa o governo Lula nesse período de sete meses. Ele analisa como a mídia se comportou e resumiu o governo durante esse período. Mostra onde a mídia criticou, concordou ou se absteve diante das ações e o que pode ter gerado esses comportamentos.</p>
02/08	<p>Diminuição da escassez informacional promove queda dos desertos de notícia</p> <p>https://sosimprensa.wordpress.com/2023/08/02/diminuicao-da-escassez-informacional-promove-queda-dos-desertos-de-noticia/</p>	<p>Nesta produção é possível encontrar uma análise crítica positiva sobre a mídia. Eles abordam a importância do trabalho da mídia alternativa para a diminuição dos desertos de notícias e como essas ações ajudam a tirar as pessoas da bolha da desinformação.</p>

14/08	Twitter e o X da questão https://sosimprensa.wordpress.com/2023/08/14/twitter-e-o-x-da-questao/	O texto analisa as mudanças que aconteceram no Twitter a partir do momento quando foi adquirido pelo bilionário Elon Musk. Abordam o contexto que a compra foi realizada, o objetivo e os impactos dessas mudanças.
09/10	As redes e as novas fórmulas mágicas para emagrecer https://sosimprensa.wordpress.com/2023/10/09/as-redes-e-as-novas-formulas-magicas-para-emagrecer/	A matéria aborda a contribuição dos meios de comunicação na manutenção da busca por um corpo perfeito. Trata da maneira desenfreada como a mídia apresenta produtos e publica irresponsavelmente matérias mal elaboradas e ilusórias sobre a temática.
11/10	Da ficção à realidade: o papel da Barbie na desconstrução de narrativas contemporâneas https://sosimprensa.wordpress.com/2023/10/11/da-ficcao-a-realidade-o-papel-de-barbie-na-desconstrucao-de-narrativas-contemporaneas/	O texto é uma crítica cultural ao filme Barbie, relacionando-o com o contexto social em que vivemos e que o filme quer destacar.
23/10	Lipedema, autoestima e estética feminina https://sosimprensa.wordpress.com/2023/10/23/lipedema-autoestima-e-estetica-feminina/	Produção curta que aborda sobre uma doença chamada Lipedema. A matéria é contextualizada por um caso que repercutiu na mídia e, para ficar mais próximo de relacionar a temática com o jornalismo, abordara a importância do compartilhamento de informações úteis para combater a criação de ambientes hostis.
27/10	Regulamentação do audiovisual no Brasil https://sosimprensa.wordpress.com/2023/10/27/regulamentacao-do-audiovisual-no-brasil/	O texto trata sobre a desvalorização da produção audiovisual nacional e a falta de cuidado político em manter a política de cotas, além de fatores que contribuem para essa desvalorização.

31/10	Império midiático do Futebol https://sosimprensa.wordpress.com/2023/10/31/imperio-midiatico-do-futebol/	A matéria faz uma crítica ao destaque midiático dado ao futebol e á invisibilidade em relação às outras modalidades esportivas que possuem diversos atletas se destacando, trazendo como base para a crítica o Campeonato Mundial de Ginástica Artística que não recebeu nenhuma transmissão dos canais de televisão abertos nem fechados.
-------	---	--

5.1.1 Análise das matérias mais relevantes

Das 30 matérias publicadas durante os 10 meses escolhidos para análise, foi possível identificar oito matérias voltadas para uma opinião/reflexão sobre temas variados, como é o caso, por exemplo, da matéria que faz a análise do que é abordado socialmente no filme Barbie e a matéria sobre a compra do Twitter por parte do bilionário Elon Musk e as mudanças da plataforma desde então. É importante salientar que, mesmo o foco sendo de reflexão, as produções não deixam de apresentar características jornalísticas de linguagens (todas possuindo dados, links de produções, referências de outros autores e imagens) e de tentar puxar os assuntos para os aspectos midiáticos.

Um total de 22 produções do site nesse período são voltadas completamente para a análise crítica da mídia. Dentre elas, vale destacar as seguintes matérias:

1. **“O que é terrorismo?”** (22/01): é uma produção que apresenta argumentos que defendem a escolha da palavra “terrorismo” feita pela mídia para nomear os atos de 8 de janeiro, mas também apresenta argumentos e declarações que tornam antiprofissional a mídia utilizar essa palavra. “A ideia de que o protesto do dia 8 de janeiro tenha causado pânico geral pode ser uma hipótese para justificar a escolha do termo “terrorismo”. No entanto, a justificativa não leva em conta a missão jornalística de compromisso com a veracidade dos fatos, escolha das palavras e a forma de comunicar³⁵”. Além disso, o texto apresenta todo um contexto ao redor

³⁵Com autoria de Luiza Brandão, o texto está disponível em: <https://sosimprensa.wordpress.com/2023/01/22/o->

do tema para que o leitor possa entender o assunto, analisar os argumentos e fazer sua própria leitura crítica do tema, onde é possível encontrar características pedagógicas.

2. **“Três jornais, uma só opinião”** (15/05): a produção conseguiu analisar e comparar o posicionamento dos três jornais de maior circulação do país, que normalmente possuem opiniões divergentes com relação à política nacional. A matéria explica para o leitor o que é jornalismo declaratório, muito comum na esfera política, e o porquê de ser surpreendente os jornais concordarem entre si por condenarem a fala de Lula sobre a guerra da Ucrânia. Trazendo sua característica pedagógica para o leitor, o leitor dedica uma parte do texto para explicar o que é subjetividade no jornalismo e de que maneira o jornalismo assume um caráter opinativo.

3. **“Santo Metrôpoles?”** (19/05): uma das matérias que abordam inteiramente sobre a ética jornalística. Todo o texto é baseado em produções polêmicas, antiéticas e sensacionalistas do portal de notícias Metrôpoles. A matéria contextualiza, apresenta fontes oficiais e acadêmicas, apresentando para o leitor o que é valor-notícia e como as camadas mercadológicas em busca de lucros faz com que veículos manchem a ética jornalística buscando audiência.

4. **“A polêmica visita de Maduro ao Brasil”** (24/07): a produção traz uma coletânea de matérias e declarações do presidente Lula com a chegada de Maduro ao Brasil ao declarar que a Venezuela é vítima de uma narrativa de “antidemocracia e autoritarismo”. Apresenta o posicionamento de diversos jornais em editoriais, artigos de opinião, apresentação de dados e publicações em redes sociais. Essa produção faz um destaque do poder e da importância da mídia em combater a desinformação, não importa de qual lado ela venha. Como observado no capítulo 3 ‘Observatórios de imprensa’, não existe no Brasil uma posição política da qual um observatório de imprensa deva fazer parte. O importante é ter o comprometimento ético e crítico, além de ser democrático, no caso do SOS Imprensa.

A partir desse estudo das matérias produzidas é possível identificar que existe uma preocupação na qualidade da análise crítica do conteúdo, onde as matérias críticas, além de contextualizadas, citam exemplos específicos para sustentar as afirmações, fazem análises comparativas e sugerem melhorias. Como um observatório de imprensa acadêmico ativo, que

mantém como prática as postagens periódicas de análises críticas da mídia em seu site, é possível observar no conjunto das matérias que os temas mais abordados foram:

- O sensacionalismo para obter visibilidade
- Deslizes éticos, omissão e manipulação de informações
- O comportamento midiático acerca de movimentações polêmicas no Brasil
- A busca pela qualidade jornalística por parte da mídia
- A falta de profundidade nas coberturas
- A repercussão de notícias manipuladas e a banalização do processo de valor-notícia

O SOS Imprensa apresenta um tipo de análise guiada com formas de melhorar a cobertura e as pautas jornalísticas. É o que se destaca no capítulo de mídia crítica (cap. 1). A crítica deve ser construtiva e um observatório de imprensa acadêmico, como vimos no capítulo 3, deve incentivar práticas éticas e de qualidade, apontando caminhos de como podem ser feitas essas mudanças, da maneira que o SOS Imprensa buscar fazer em seus trabalhos.

É possível identificar, desta forma, que o SOS Imprensa não se preocupa somente em ter um olhar crítico sobre a imprensa, mas também de fazer o *media literacia*, educação para mídia, para lidar com ela, umas das características da mídia crítica citada no capítulo de Diretrizes Curriculares do Curso de Jornalismo (Cap. 2). Com as autorias dos textos sendo exclusivamente dos alunos, Rafiza fortalece a ideia de fazer os alunos produzirem e praticarem a temática que caracteriza os observatórios.

5.1.2 Participantes do SOS Imprensa

Na visão acadêmica da participante do projeto Julia Giusti da Costa, aluna do terceiro semestre do curso de jornalismo da Universidade de Brasília, fazer parte do SOS Imprensa a incentivou a colocar tudo o que observa na mídia sobre um olhar crítico, além de aprender a exercer a prática da leitura crítica. Sobre a importância de ter um observatório acadêmico, Júlia afirma:

é essencial para a formação de jornalistas competentes e conscientes de seu papel enquanto construtores de conhecimento na sociedade [...] mas não se restringe somente a isso. Eles têm sua função fundamental na formação de cidadãos críticos, condição necessária para o exercício de direitos e a diferenciação entre verdade e desinformação (COSTA, 2023).

Com relação a como a mídia crítica e os observatórios de imprensa acadêmicos podem contribuir para a qualidade do jornalismo, Julia acredita que, neste mundo complexo e interconectado, é preciso provocar reflexões que vão além do simples informar. “Os observatórios de imprensa qualificam a atuação jornalística, modificando o modo como as informações são divulgadas e causando maior impacto no público, que atuará de forma mais crítica e consciente na mídia” (COSTA, 2023).

Uma das participantes mais recentes do projeto, Laíse Matos de Oliveira, concordou com a fala da parceira de projeto e completou em sua entrevista que uma das formas que os observatórios de imprensa acadêmicos contribuem para a qualidade jornalística é “de maneira a auxiliar a população na escolha de veículos de confiança e, conseqüentemente, na diminuição da propagação de notícias enviesadas ou ruins, bem como a formação de melhores jornalistas para o futuro” (OLIVEIRA, 2023).

As repostas dos alunos participantes do SOS nos levam a identificar o trabalho pedagógico complementar que o projeto possibilita. O aprendizado gerado pelo observatório também foi constatado pelo desenvolvimento amplo das competências comunicativas dos graduandos. Foi percebido um salto na qualidade dos ensaios e reportagens produzidas. Contudo, a característica mais relevante, baseada na experiência dos alunos envolvidos, foi na capacidade de identificar as principais contradições do sistema midiático e a sagacidade em compreender os interesses por trás dos enquadramentos jornalísticos com base em estudos e análises.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou, por meio de pesquisa exploratória, da análise do conteúdo jornalístico do site do SOS Imprensa e das entrevistas realizadas com a coordenadora e os participantes do projeto, estudar como funciona o trabalho de mídia crítica dentro de um observatório de imprensa acadêmico e de que maneira ele contribui com a qualidade da formação dos estudantes de jornalismo que participam do mesmo.

O debate acerca do jornalismo e da mídia, ainda é visto como um direito de seus profissionais, e não de toda a sociedade. Nesse sentido, experiências como o SOS Imprensa e outras tantas espalhadas por universidades no Brasil, acabam por ser ainda mais importantes, já que familiarizam produtos e serviços jornalísticos com o cidadão, de maneira em geral (Christofoletti, 2016).

Antes de iniciar as considerações destacadas da análise do trabalho do SOS Imprensa e das entrevistas realizadas, é preciso destacar alguns pontos identificados ao pesquisar sobre os observatórios de imprensa acadêmicos existentes. Ao longo do levantamento realizado para identificar os observatórios de imprensa acadêmicos ativos e inativos, foi possível perceber que a crítica de mídia tem sido uma preocupação constante das Escolas de Jornalismo brasileiras. Poucos desses projetos acadêmicos, no entanto, parecem avançar e manter a continuidade de suas propostas. Além disso, mesmo com essa preocupação, é perceptível que, em comparação ao número de cursos de jornalismo que existem, ainda é uma quantidade de observatórios acadêmicos bastante acanhado. Isso significa que, embora a sociedade tenha percebido uma necessidade de criar sistemas de respostas sociais, como foi possível observar no capítulo 1 “Mídia Crítica”, há algum tipo de dificuldade em mantê-los ativos. Deixo com sugestão realizar um levantamento mais aprimorado para poder tentar identificar essas dificuldades, apontar alguns caminhos para esse impasse e buscar explicar esse número acanhado.

Pode-se concluir que o projeto do SOS Imprensa proporciona um espaço importante no meio acadêmico para a promoção do debate e da reflexão de assuntos referentes à ética na mídia. Os textos publicados evidenciam o ainda relevante papel da crítica da mídia e do próprio jornalismo, que devem funcionar como fiscalizadores das práticas jornalísticas e dos poderes públicos, respectivamente. Isso é o que se espera da comunicação empenhada com a cidadania. Esses benefícios são somados à oportunidade de produção dada aos estudantes do curso de jornalismo da Universidade de Brasília, que, através do SOS Imprensa, podem aprimorar a

prática jornalística com elaboração de textos, assim como gravações de entrevistas e ampliação de contatos externos.

“Observar não é só estigmatizar, mas suscitar propostas” (MATTELART, p. 01, 2005). Dessa forma, o SOS Imprensa se consolida na prática como um observatório por possibilitar aos estudantes participantes uma formação universitária mais consistente ao criar um olhar mais crítico sobre os meios. Assim, a universidade cumpre seu papel de formar, o mercado recebe profissionais mais qualificados e a sociedade é beneficiada com profissionais mais éticos.

Mesmo concluindo que o SOS contribui em uma formação mais qualificada para os estudantes do curso de jornalismo da UnB, é preciso levar em consideração que o SOS Imprensa é um observatório de imprensa acadêmico formado e produzido por estudantes que estão nesse espaço para aprender e praticar. Como foi concluído com a análise da presença do estudo da mídia crítica no currículo acadêmico do curso de jornalismo (Cap.2), não existe uma cadeira obrigatória específica trabalhando teoria e prática da temática, o que dificulta o aprendizado pleno. Como sugestão de fortalecimento do trabalho crítico dos observatórios acadêmicos, está o incentivo da criação de disciplinas no currículo acadêmico que estudem os conteúdos da mídia crítica. Assim, o estudante tem mais espaço de debate, podendo praticar com mais segurança e qualidade a análise crítica da mídia.

Essa experiência do SOS Imprensa traz para além da crítica de mídia, a possibilidade de estabelecimento de um diálogo com a indústria midiática e, sendo assim, de uma qualificação em seus processos e práticas e o debate para dentro da universidade e seu entorno sobre temas como jornalismo, ética, autoria, monopólio dos meios de comunicação, direitos, formação/atuação profissional, educação para a mídia/educomunicação, machismo, feminismo, educação, políticas públicas, violência, preconceito, adoção, racismo, democracia, temas muito recorrentes entre os artigos do SOS-Imprensa.

Ao analisar todas as formas que o SOS Imprensa encontrou para conseguir trabalhar e entregar a sociedade o que é aprendido em âmbito acadêmico, é evidente que a importância dos observatórios de imprensa é abrir o espaço que os veículos de comunicação de massa tradicionais não oferecem, para a discussão midiática dos fatos, para o debate dos erros da imprensa brasileira, enfocando os danos que a falta da apuração e verificação podem causar na sociedade, e na própria credibilidade da imprensa enquanto poder estabelecido em defesa do cidadão. Esse espaço se expande para experiências de extensão com a comunidade e escolas

conscientizando jovens estudantes da rede pública sobre os perigos da mídia na manipulação noticiosa e comercial. Essas experiências não só são significativas para quem faz parte do projeto, mas também para a comunidade atendida. A partir delas, existem reflexões e questionamentos em relação a processos dos meios de comunicação que antes eram naturalizados.

Concluimos, aqui, que é de grande valia refletirmos acerca da importância de incentivar e incluir nas universidades a criação de observatórios de imprensa, seja por meio de projeto de extensão ou por meio da criação de uma cadeira optativa no currículo, estabelecendo uma relação direta entre teoria e prática da temática de mídia crítica. Esperamos que outras pesquisas provenientes do presente estudo possam desabrochar, fundamentadas nas conclusões aqui apresentadas. Pesquisas futuras como, o retorno social do trabalho pedagógico oferecido pelos observatórios de imprensa acadêmicos e as etapas necessárias para a implantação de observatórios de imprensa acadêmicos em mais cursos de jornalismo no Brasil, são sugestões deixadas nesse estudo para um futuro aprofundamento da temática.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra, 1996.
- ANTONIOLI, Maria Elisabete. **Diretrizes Curriculares e cursos de Jornalismo: a formação do jornalista à luz da legislação educacional**. Brasília: REBEJ, 2014.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Jornalismo**. Brasília: CNE/MEC 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf. Acesso em: 06/11/2023.
- BERTRAND, Claude-Jean. **O arsenal da democracia: sistemas de responsabilização da mídia**. Bauru: Edusc, 2002.
- CAMPOS, Pedro; ROCHA, Eleni. **Ensino de Jornalismo: perfil profissional, regionalização das habilidades técnicas e competências**. Repositório Unesp. 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/b67c004c-89a1-4fe2-afdf-4a346a8f0f11/content>
- CAREY, James. W. **Journalism and Criticism: the case of an undeveloped profession**. *The Review of Politics*, v.36, p. 227-249, 1974.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do Jornalismo. Buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2007.
- CORREIA, J. C.; CARVALHEIRO, J. R.; MORAIS, R. & Sousa, J. C. (2011). **Observatórios de mídia, cidadania e educação para os meios: sugestões baseadas numa pesquisa sobre imprensa regional**. In S. Pereira (Ed.), Congresso Nacional “Literacia, Mídia e Cidadania” (pp. 463-475). Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Dez impasses para uma efetiva crítica de mídia no Brasil**. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, de 2 a 6 de dezembro de 2003b, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pfds/83181657908623038781927642374779165362.pdf>. Acesso em: 12/10/2023
- CHRISTOFOLETTI, Rogério; HERRERA, Susana H. **Fiscalizar e alfabetizar: dois papéis dos observatórios de meios latino-americanos**. Em *Questão*, Porto Alegre, v.12, n.1, p.149-169, 2006a.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Mídia e democracia: um perfil dos observatórios de meios**. UNI revista, Itajaí, v. 1. n. 3, p. 1-11, 2006b.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga. **Observatórios de Mídia – Olhares da Cidadania**. Orgs Christofolletti & Motta. São Paulo: Paulus, 2008.
- CUNHA, P. **Observatórios de Mídia: conceito, práticas e fundamentos**. 2011. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3600> . Acesso em: 06/11/2023.

FENAJ (Ed.). **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Vitória, 2007. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf> Acesso em: 06/11/2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1994.

HERRERA, Susana. **Retrato en diez rasgos de los observatorios de medios en América Latina**. In: Sala de Prensa, ano VII, vol. 3, 2005. Disponível em: <http://www.saladeprensa.org/art638.htm>. Acesso em: 06/11/2023.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. **Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação**. Educ. Soc., Campinas, v. 29, n. 104 — especial, out. 2008.

LOPES, Fernanda K. **Observatórios de imprensa acadêmicos brasileiros: natureza, atuações e contribuições à formação jornalística**. Repositórios UFMS. Mato Grosso do Sul, 2016.

LOURES, Ângela da Costa. **Pequena História da Crítica de Mídia no Brasil**. In: Observatórios de Mídia – Olhares da Cidadania. Orgs Christofolletti & Motta. São Paulo: Paulus, 2008.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações**. 5. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Media Criticism ou o dilema do espetáculo de massas**. In: AIDAR PRADO, José Luiz. (Org.). *Crítica das Práticas Midiáticas*. São Paulo: Hacker, 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro. 2009. **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Ed. Paulus.

McCOMBS, M. E; SHAW, Donald L. *The agenda setting function of mass media*. In: Public Opinion Quarterly, vol. 36, n. 02. Summer 1972, p. 176-187.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo**. PARECER CNE/CES N°:39/2013. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=18550:pareceres-cne-2013
Acessado em: 07/11/2023

MORAES, Denis. **Comunicação, Hegemonia e Contra-Hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci**. Revista Debates, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Crítica da mídia: da resistência civil ao desenvolvimento humano**. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga. *Observatórios de Mídias: olhares da cidadania*. São Paulo: Paulus, 2008.

PARENTE, Cristiane e Pinto, Manuel. **SOS Imprensa: 20 anos de exercício de cidadania educação**. Braga: Universidade do Minho, 2016. Disponível em http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2691. Acesso em: 07/11/2023.

REY, G. *El Defensor del lector: um ofício em Construcción*. Sala de Prensa, ano V, v. 2, 2003. Disponível em: <http://www.saladeprensa.org/art426.htm>. Acessado em: 19/10/2023

RIBEIRO, Elisa Antônia. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa**. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais. Araxá/MG, n. 04, p.129-148, 2008.

ROCHA NETO, Manoel. et al. **A Contribuição do Observatório da Imprensa como Instrumento de Crítica da Mídia no Brasil**. Revista Observatório, Palmas, v. 1, n. 3, dez. 2015, p. 201-220.

ROTHBERG, D. **O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia**. In: CHRISTOFOLETTI, R. (Org.). **Vitrine e vidraça: crítica de mídia e qualidade no jornalismo**. Covilhã, LabCom Books, 2010. p. 59-73.

SANTUÁRIO, Marcos E. **Mídia em foco e a crítica ao jornalismo e à mídia local**. XIV Congresso da Comunicação na Região Sul. Santa Cruz do Sul: Intercom, 2013.

SIQUEIRA, Alexandra Bujokas; ROTHBERG, Danilo. **Crítica de mídia e educação para os meios**. in: CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga. **Observatórios de Mídias: olhares da cidadania**. São Paulo: paulus, 2008.

SOSTER, Demétrio de Azeredo; TONUS, Mirna (Org.). **Jornalismo-laboratório: rádio**. Santa Cruz do Sul, RS: Edunisc, 2014.

WYATT, W. *Critical Conversations: A Theory of Press Criticism*. Cresskill, NJ: Hampton Press, Inc. 2007.